UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS IV JACOBINA – BA

Ileide Pereira Miranda
Núbia Batista Caetano

Quarto de Despejo: a singularidade de uma escrita marginal

Jacobina
2012

Ileide Pereira Miranda
Núbia Batista Caetano

Quarto de Despejo: a singularidade de uma escrita marginal

Monografia apresentado à comissão de professores examinadores da Universidade Estadual da Bahia – UNEB, como um dos requisitos necessários para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima

Jacobina

2012

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ileide Pereira Miranda
Núbia Batista Caetano

Quarto de Despejo: a singularidade de uma escrita marginal

Monografia apresentado à comissão de professores examinadores da Universidade Estadual da Bahia – UNEB, como um dos requisitos necessários para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas.

Aprovada em: ___/___/____

Banca Examinadora:

_____ _____

Prof.ª Dr.ª Elizabeth Gonzaga de Lima (UNEB) (Orientadora)

Prof.ª Ma. Patrícia Vilela da Silva (UNEB)

_____

Prof.ª Ma. Maria Iraídes de Souza Barreto (UNEB)

Jacobina
2012

À família, pelo incentivo e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Por nos conceber o dom da vida, a força e a coragem que um indivíduo precisa para trilhar seu cominho.

Aos pais, pelo apoio incondicional e pelo incentivo.

Aos familiares, pela compreensão e companheirismo que nos dedicou e dedica.

À professora orientadora, Elizabeth Gonzaga de Lima, pelo apoio e pela disposição de nos ajudar em todos os momentos que a procuramos, transmitindo-nos a segurança e confiança que um orientando necessita de seu orientador.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

"Um livro é como uma janela. Quem não o lê, é como alguém que ficou distante da janela e só pode ver uma pequena parte da paisagem".
(Kahlil Gibran).

RESUMO:

Este trabalho tem por finalidade examinar a escrita intima de Carolina Maria de Jesus no livro **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada e apresentar a maneira como esta escritora concebia e desenvolvia a escrita, tendo em vista que era uma mulher, negra e semianalfabeta residindo em uma favela. Ao mesmo tempo propõe uma discussão a respeito da repercussão que o livro mencionado causou ao alcançar um grande sucesso de vendas chegando a 100 mil exemplares vendidos em um curto período de tempo. Além de ter sido traduzido para 13 idiomas e publicado em vários países. Contradizendo esse sucesso de vendas, a autora desse livro cai em um esquecimento profundo de modo que na mesma rapidez em que adentrou no campo literário e conseguiu notoriedade tanto no Brasil como em outros países, pouco tempo depois deixa o universo literário e volta a sua condição de favelada e catadora de papel. Para a realização da análise foram feitas pesquisas bibliográficas e uma leitura sistemática do livro **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus. O método utilizado foi a pesquisa descritiva visto que se buscava examinar a escrita íntima do diário, ao mesmo tempo em que se investigava a presença do discurso da exclusão, a maneira como a voz de uma mulher negra e marginalizada emerge em uma literatura brasileira marcada por um cânone branco, masculino e elitista e como a negritude era vivenciada pela escritora.

Palavras-chave: Literatura. Cânone. Marginalização. Favela. Invisibilidade social

RESUMEN:

Este trabajo pretende examinar la escrita íntima de Carolina María de Jesús en el libro: **Habitación de Desahucio**: diario de un barrio pobre, tratando de mostrar cómo la escritora concibió y desarrolló la escrita teniendo en cuenta que era una mujer, negra, casi analfabeta y que residía en un barrio pobre. Al mismo tiempo, propone una discusión sobre el impacto que causó el libro mencionado en alcanzar un gran éxito de ventas, alcanzando el número 100 000 copias vendidas en un período corto de tiempo. Además de haber sido traducido a 13 idiomas y publicados en varios países. En contradicción con este éxito de ventas la autora, de este libro, cae en un olvido tan profundo con la misma velocidad que entró en el campo literario y logró notoriedad en Brasil y otros países, poco después Carolina deja los campos literarios y vuelve a su condición de chabolista y colectora de papel. Para llevar a cabo el análisis fueran hechas las búsquedas bibliográficas en la literatura y una lectura sistemática del libro **Habitación de Desahucio**: diario de un barrio pobre de Carolina María de Jesús. El método utilizado fue de tipo investigación descriptivo, ya que trató de examinar la escrita íntima del diario, al tiempo que se investigó la presencia del discurso de la exclusión y la forma en que la voz de una mujer de negra y marginada surge en la literatura brasileña marcada por un canon blanco, masculino y elitista y cómo negrura fue experimentado por autor.

Palabras clave: Literatura. Canon. Marginación. Barrio Pobre. Invisibilidad Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ---------- 09

1 **A ESCRITA QUE O CÂNONE NÃO REVELOU: O CASO DE CAROLINA MARIA DE JESUS** ----------12

1.1 **Do Processo de Construção a Publicação de Quarto de Despejo: diário de uma favelada** ---------- 15

1.2 **Uma Escrita Singular** ---------- 18

1.3 **A Escrita como Fuga da Realidade** ---------- 19

1.4 **Escrita como Denúncia** ---------- 22

1.5 **A Escrita como Salvação** ----------24

1.6 **Escrita como Ameaça** ---------- 25

1.7 **Uma escrita autobiográfica** ---------- 27

2 **LITERATURA, CÂNONE E MARGINALIZAÇÃO** ---------- 30

2.1 **Literatura e representação de Minorias** ---------- 36

2.2 **Negritude e Literatura Negra**---------- 41

2.3 **Literatura Negra** ---------- 42

2.4 **Uma Literatura fronteiriça** ---------- 48

3 **CAROLINA DE JESUS E O DISCURSO DA EXCLUSÃO** ---------- 51

3.1 **O Ser Mulher** ---------- 55

3.2 **O Ser Favelado** ---------- 57

3.3 **Ser Negra** ---------- 58

3.4 **O Espaço da Favela e a Invisibilidade Social** ---------- 59

CONSIDERAÇÕES FINAIS ---------- 62

REFERÊNCIAS ---------- 65

INTRODUÇÃO

O cânone da literatura brasileira caracteriza se por ser elitista e excludente, pois está intimamente vinculado às ideologias de um dado momento e é baseado em critérios de valor. Os valores e as normas exigidas pelo cânone contribuíram para que os autores de sexo masculino tivessem uma presença maior que os autores negros e de sexo feminino, acentuando assim a exclusão desses últimos na cena literária.

A sociedade brasileira, por um longo período de sua história, manteve as mulheres e os negros afastados dos ambientes educativos e, consequentemente, contribuiu para que a escrita desses grupos fosse invisibilizada. Todavia, com a emergência de movimentos sociais e culturais eles começaram a produzir literatura. E não foi ontem ou apenas alguns anos atrás que passaram a existir textos e outras manifestações artísticas e literárias de autoria feminina e negra, desde o período colonial, isso acontece. Todavia, até os tempos hodiernos os representantes desses grupos sociais ainda não têm uma participação abrangente e de destaque em nossa literatura. Eduardo de Assis Duarte (2005, p. 113) pontua que "desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido".

Pelo fato da presença dos grupos negro e feminino ainda ser pequena considerando a demanda da produção feita por representantes destes grupos, algumas questões podem ser levantadas e investigadas. Neste trabalho nos interessa analisar a escrita de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, favelada e semianalfabeta que conseguiu por intermédio do seu livro chamar a atenção da sociedade para a situação em que viviam os habitantes da favela e ao mesmo tempo sacode a cena literária ao apresentar um livro com características diferentes da maioria dos livros da literatura brasileira até então. O interesse por este foco de estudo partiu de uma conversa com a professora Elizabeth Gonzaga Lima[1] sobre sua tese "Fragmentos do Eu: a literatura íntima em Lima Barreto" e sobre o perfil e escrita de Carolina Maria de Jesus no livro **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. Até este momento não tínhamos lido nada a respeito de Carolina de Jesus. A professora então nos indicou a leitura do livro supracitado e a partir daí surgiu a ideia de desenvolvermos esta pesquisa focando na análise dessa escrita singular da literatura brasileira.

[1] Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1993), com especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2005). É professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/ Campus IV)

Em um momento no qual quase todas as produções literárias consagradas eram realizadas por homens brancos, Carolina Maria de Jesus, uma negra, pobre e semianalfabeta consegue se converter em um fenômeno ao escrever um livro que se tornou um recorde de vendas, **Quarto de Despejo:** diário de uma Favelada. A especificidade do livro se deve justamente por apresentar uma descrição minuciosa da favela e dos favelados de uma forma inédita, é a visão de dentro sendo revelada por meio da escrita de uma moradora daquele espaço.

A favela geralmente é vista como um lugar de marginalização, consequentemente, por ser moradora de lá, Carolina era um sujeito marginalizado, não somente em decorrência de estar na favela, mas também por ser mulher, negra e semianalfabeta, uma tripla condição de marginalização. Diante disso, surgiram as indagações que nortearam este trabalho de pesquisa: De que maneira a voz de uma mulher negra e marginalizada se expressa nas confissões do diário de Carolina Maria de Jesus? Como a negritude emerge nos relatos desse diário íntimo? Qual a relação entre o espaço habitado por Carolina e a exclusão a que ela era submetida?

A partir desses questionamentos, o trabalho se voltou para a análise da escrita íntima de uma voz marginalizada na literatura brasileira e, ao mesmo tempo, para a investigação da presença do discurso da exclusão nas confissões do **Quarto de Despejo** de Carolina de Jesus e a maneira como a negritude era vivenciada por esta escritora.

Esse trabalho se justifica por analisar uma obra literária que se tornou um fenômeno de vendas no Brasil, na década de 60 do século XX, mas ainda pouco conhecida do público leitor, além de levantar discussões acerca da literatura negra e a exclusão desta no cânone brasileiro, assim como a abordagem de alguns temas como pobreza, fome e preconceito.

Para chegarmos aos objetivos traçados foram desenvolvidas leituras bibliográficas e uma análise sistemática do **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. O método utilizado foi a pesquisa descritiva visto que se buscava examinar a escrita íntima dos diários que deram origem ao livro de Carolina de Jesus, ao mesmo tempo em que se investigava a presença do discurso da exclusão e a maneira como a voz de uma mulher negra e marginalizada emerge em uma literatura brasileira marcada por um cânone branco, masculino e elitista.

Como referencial teórico, utilizamos a discussão de Philippe Lejeune sobre a escrita autobiográfica- diário e Antoine Compagnon sobre o cânone literário. Além das referências teóricas, nos baseamos em estudiosos como: Zilá Bernd que apresenta uma discussão a respeito da negritude, Domício Proença Filho que sinaliza a respeito da trajetória do negro na literatura brasileira, Ítalo Calvino com as características dos clássicos, Regina Dalcastagné

com a representação de minorias, Eduardo de Assis Duarte e a discussão sobre a presença do negro nas produções artísticas e literária, Marcos Bagno que apresenta um panorama do preconceito decorrente da variedade linguística existente no Brasil, e outros.

Este trabalho está organizado em três capítulos sendo respectivamente: O capitulo I intitulado de **A Escrita que o Cânone não Revelou:** o caso de Carolina Maria de Jesus, no qual buscamos apresentar um pouco da história de vida da escritora do livro em análise, visto que as características desta são diferentes do perfil dos demais escritores da Literatura Brasileira. Posteriormente, fizemos uma síntese de como ocorreu todo o processo de produção, edição e publicação do livro **Quarto de Despejo** e apresentamos a característica de uma escrita autobiográfica. No capítulo II, **Literatura, Cânone e Marginalização,** abordamos uma discussão a respeito do cânone literário brasileiro e como se deu a sua formação, paralelamente, fazemos uma explanação a respeito da Literatura Negra apresentando as particularidades desse tipo de produção literária. Em seguida, após sinalizar as características do livro de Carolina de Jesus, levantamos a hipótese de que a escrita deve ser classificada como uma produção fronteiriça visto que apresentava características tanto da literatura negra como da literatura marginal. No capítulo III, **Carolina de Jesus e o Discurso da Exclusão,** fazemos uma discussão sobre exclusão e invisibilidade decorrente do espaço habitado pelo sujeito. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

1 A ESCRITA QUE O CÂNONE NÃO REVELOU: O CASO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Quem poderia imaginar que uma mulher negra, catadora de lixo e acima de tudo semianalfabeta que vivia em extrema pobreza, residindo em uma favela poderia ter em seu horizonte o objetivo de escrever um livro? Quem imaginaria que o livro dessa escritora negra e semianalfabeta atingiria um sucesso editorial que muitos clássicos da nossa literatura não alcançaram?

Certamente ninguém imaginaria, mas aconteceu. Quebrando toda e qualquer expectativa já vista no cenário literário brasileiro, Carolina Maria de Jesus tornou-se nosso *Best-Seller*, a escritora revelação que emergiu com toda força na nossa literatura ao relatar e desvendar a dura rotina da vida na favela do Canindé[2], em São Paulo, fazendo com que a atenção da sociedade se voltasse para aquele espaço. Todavia, com a mesma rapidez que emergiu no campo literário, ela desapareceu retomando ao esquecimento.

Mas quem foi realmente essa mulher que com sua escrita conseguiu chamar atenção do povo para a situação degradante das favelas brasileiras e de seus moradores?

Carolina Maria de Jesus é natural de Sacramento, Minas Gerais, cidade onde viveu até sua adolescência. Nascida aos 14 de março de 1914, era filha de pais negros de baixíssima condição financeira e vivia em extrema pobreza. Sua mãe era lavadeira e conseguiu, com o intermédio da patroa, uma vaga para a filha no Colégio Allan Kardec, primeiro colégio espírita do Brasil, onde Carolina estudou por pouco mais de dois anos. Nisso reside uma das peculiaridades dessa escritora revelação: sua escolaridade. Carolina estudou somente até o segundo ano de uma escola primária. Portanto, toda a sua educação formal na leitura e na escrita advém desse curto período. No entanto, ela era autodidata, gostava de ler e de escrever, a leitura e a escrita faziam parte de sua rotina diária e isso ajudou no desenvolvimento da sua escrita.

Em 1947, Carolina Maria de Jesus mudou-se para São Paulo, em busca de uma melhor condição de vida. Todavia, o que conseguiu foi uma vaga de empregada doméstica, profissão que exerceu por alguns anos. Sozinha e mãe de três filhos de pais diferentes, não podia mais conciliar sua condição de mãe e trabalhar em casas de família e por isso tornou-se catadora de

[2] O cenário em que foi escrito o diário já não é o mesmo. Parte dele deu lugar ao asfalto de uma nova avenida, por coincidência chamada Marginal. A Marginal do Tietê, que passa por ali onde até meados dos anos 60 se erguia o caos semiurbano e sub-humano da favela do Canindé, em São Paulo. (DANTAS, 1997, p.5).

papel, encontrando no lixo um meio de suprir suas necessidades básicas e, na favela, um lugar para reclinar a cabeça.

Em meio ao ambiente sub-humano da favela, Carolina de Jesus decidiu anotar tudo que vivenciava em folhas de papel, num processo contínuo de escrita onde revelava os acontecimentos do dia-a-dia. Esses escritos diários tornaram-se o único fio de esperança para a mudança de vida tão sonhada de Carolina.

Nos relatos é fácil percebermos a força de vontade da mulher que se traduz na figura de Carolina Maria de Jesus. Sozinha ela se dividia entre catar papel, cuidar dos filhos e escrever. Em diversos momentos se desesperava por não encontrar meios de ter uma vida digna com seus filhos naquele lugar, mas em nenhum momento desistiu. "Eu estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconciente[3]. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro (JESUS, 1997, p. 37).

Carolina se levantava cedo e ia "batalhar" pelo pão, o que ganhava muitas vezes não era o suficiente para saciar sua fome e a dos seus filhos, e o alimento que conseguia era com muito sacrifício. O que ganhava com o dinheiro do papel catado mal dava para a refeição de um dia, e é por esse motivo que Carolina precisava catar papel e revirar o lixo todos os dias, porque ela era uma das muitas pessoas que tirava do lixo o seu sustento. Enfim, uma sobrevivente de um Brasil que exclui e não possibilita direitos e oportunidades iguais para todos.

Carolina Maria de Jesus tinha sonhos, acreditava que estava na favela, mas não pertencia aquele lugar e sonhava um dia sair dali. Se compararmos Carolina com as outras mulheres da favela, veremos que compartilhavam dos mesmos dilemas de viver em um ambiente esquecido e a mercê da pobreza, em que a fome era uma companhia cruel de quase todos os momentos. Porém, as outras tinham uma característica a mais, ou melhor, um dilema a mais, eram constantemente maltratadas por seus companheiros. Por esse e outros motivos Carolina preferia ficar sozinha e não se envolver afetivamente com ninguém.

> As mulheres saíram, deixaram-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é theatro. Todas as crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas aludem que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

[3] É comum, na escrita do livro **Quarto de Despejo,** encontrarmos palavras com a grafia diferente do que prescreve as normas ortográficas. Isso decorre do baixo grau de escolaridade da escritora Carolina Maria de Jesus. Todavia, optamos por não utilizar, neste trabalho, a sigla *sic* quando ocorrer os desvios das normas ortográficas.

> Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 1997 p. 14).

Apesar de Carolina viver em condições humilhantes e ser submetida a todo tipo de situação no caótico ambiente da favela, procurava dar um toque de alegria naquele espaço e por isso, reservava um pouco do seu tempo para cantar e dançar com os seus filhos, pois, mesmo sofrendo, tinha esperança de que aquela realidade mudaria, e essa mudança, segundo ela, estava no livro que escrevia incessantemente. E mesmo tendo estudado tão pouco possuía uma visão crítica ao expressar nos seus escritos toda a sua repugnância para com os políticos da época e contra o comportamento escandaloso de alguns moradores da favela.

Sem dúvida, Carolina mostrou que para mudar é preciso coragem, em meio a tantas dificuldades enfrentava com determinação e força todos os obstáculos que surgiam. Superou a fome, o preconceito que sofria por ser mulher, negra pobre e favelada e conseguiu, mesmo em situação adversa, escrever um livro e, ainda que com pouca escolaridade, estampou nesse livro um discurso rico de sentido. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada, obra mais célebre dessa autora, tece críticas, politiza e chama atenção por abordar um tema, até então, pouco discutido, escrito por uma mulher semianalfabeta que descortina a vida na favela. Um livro que se apresentou como uma novidade no campo da nossa produção literária e talvez por isso alcançou o sucesso e se tornou um recorde de vendas.

O aparecimento de Carolina de Jesus no âmbito literário com seu livro **Quarto de Despejo** não foi o bastante para que ela permanecesse no auge, numa posição de notoriedade. Depois do sucesso deste livro, Carolina mudou-se para a tão sonhada casa de alvenaria, passou a ser conhecida nacional e internacionalmente, mas não obteve êxito nos livros escritos posteriormente, voltando, assim, para a sua primeira condição social, a de extrema pobreza. Todo o esforço dessa escritora não foi recompensado e o que ocorreu foi um esquecimento, visto que ela falece em 1977 em uma Chácara em Parelheiros na periferia de São Paulo, no mundo que tanto repudiava: na miséria e esquecida pela sociedade.

1.1 Do Processo de Construção a Publicação de Quarto de Despejo: diário de uma favelada.

A princípio é importante esclarecermos que, embora Carolina tivesse a pretensão de escrever e editar um livro, seus escritos não assumiam a estrutura de um livro, eram apenas relatos de sua rotina diária, uma espécie de diário íntimo onde se encontram descrições das experiências, dos desejos, dos sonhos e expectativas de uma mulher favelada que almejava um dia sair da favela. "Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa" (JESUS, 1997 p.17). Carolina creditava que escrevia um livro, quando na verdade apenas modelava um diário íntimo carregado de confissões.

O que para Carolina era o seu livro, para qualquer crítico, ou observador, eram apenas folhas de papéis encardidas com uma escrita distante da linguagem padrão.

Mas, como esses escritos, que se distanciavam da linguagem padrão, presentes nesses papéis encardidos tornaram-se um livro? A autoria desse livro é de fato de Carolina de Jesus, uma mulher semianalfabeta? Sendo ela semianalfabeta, teria bagagem para escrever um livro com um sentido tão contundente e capaz de mudar sua história de vida pessoal?

Não há dúvida de que ler e escrever eram ações que estavam sempre presentes na rotina diária de Carolina de Jesus. Ela era autodidata e com isso desenvolvia a escrita o que a possibilitou escrever mesmo que do seu jeito, transgredindo as normas gramaticais, mas não deixando de transmitir sua mensagem. Escrever era o meio que ela encontrava para fugir daquela realidade tão hostil. Gostava tanto de escrever que o lápis e a folha de papel ficavam embaixo de seu travesseiro, eram seus companheiros de todos os momentos. Carolina escrevia sobre todas as suas experiências, sobre as pessoas que conversava ou encontrava.

A ideia de escrever o diário e relatar seu cotidiano surgiu quando encontrou um caderno com folhas limpas no lixo e, ela não hesitou. Começou a escrever seus dilemas, sua luta. Todos os dias ela escrevia e nessa escrita revelava a real imagem da favela e das pessoas que ali habitavam. A narrativa que foi iniciada em 1955 e, se estendeu até 1959, mostrava uma favela desconhecida de muitos e revelava a fome que assolava e maltratava as pessoas que ali residiam. A junção da escrita de todo esse período culminou em 20 cadernos que esta escritora guardava em seu barraco.

A princípio eram apenas 20 cadernos velhos que relatavam a particularidade da vida dos favelados, a rotina, a fome e as dores utilizando uma linguagem que rompia com as normas gramaticais, característica típica de uma pessoa de pouca escolaridade. Mas em 1958,

Audálio Dantas[4], interessado em fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé, deparou-se com esses cadernos e viu neles a reportagem que poderia mudar a sua vida. "A história da favela que eu buscava estava escrita em uns 20 cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela" (DANTAS, 1997, p. 3). A partir desse momento surgiu a ideia de editar esses escritos e transformar o diário de Carolina em um livro impresso.

Audálio passou a dedicar-se pessoalmente a essa tarefa – publicar o livro. Ele mesmo foi o responsável pela edição. Leu todos os cadernos escritos por Carolina e selecionou os trechos que segundo ele eram mais significativos, além de intervir na pontuação e na escrita de algumas palavras que em seu conceito se permanecesse como estavam nos escritos originais poderia levar a incompreensão da leitura. Logo, percebemos aqui a intervenção direta desse editor na organização e estrutura do livro de Carolina.

> Fui o responsável pelo que se chama edição de texto. Li todos aqueles vinte cadernos que continham o dia-a-dia de Carolina e de seus companheiros de triste viagem. A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos [...] Mexi também na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha. (DANTAS, 1997, p. 3).

Essa intervenção de Audálio de selecionar os trechos e alterar a pontuação e até mesmo algumas palavras, nos leva a concluir que o livro **Quarto de Despejo** não foi uma produção literária comum, escrita, pensada e editada pela autora. Foi escrito por Carolina, mas foi Audálio quem organizou o que para ele devia ou não ser publicado, o que era ou não importante, intervindo assim no texto.

Nesse cenário de produção, seleção e edição da escrita algumas perguntas podem ser suscitadas: Uma vez que os trechos do livro foram selecionados por Audálio e não por Carolina, esta escrita perderia como isso sua autenticidade? Seria Audálio co-autor desse livro? O que levou este Jornalista a ajudar na publicação do livro?

"Entrei na história desse livro como jornalista, verde ainda, com a emoção e a certeza de quem acreditava poder ajudar o mundo". (DANTAS, 1997, p.3). Por esta confissão do próprio Audálio Dantas, podemos perceber que a sua participação na edição e publicação de

[4] Audálio Dantas nasceu em Alagoas, em 1932. Iniciou sua carreira de jornalista como repórter da Folha de São Paulo (1954), passando depois pela revista O Cruzeiro, Quatro Rodas, Realidade, Manchete e Nova. Entre os trabalhos mais importantes que realizou, como jornalista e escritor, está o livro **Quarto de Despejo**, no qual editou o diário de Carolina Maria de Jesus.

Quarto de Despejo não foi por mero acaso ou por que ele era simplesmente uma alma generosa. Havia por trás dessa ação, a pretensão de um jornalista de se destacar em seu ofício e assim conquistar um lugar de visibilidade no cenário do jornalismo. O faro jornalístico de Audálio conseguiu visualizar na escrita de Carolina a reportagem que ele precisava para adquirir destaque e alavancar sua carreira na imprensa de São Paulo e do Brasil.

A partir daí, Dantas empenhou-se na edição dos escritos que dariam origem a um dos livros mais vendidos na história da nossa literatura – **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. Seu empenho na publicação foi tão grande que há quem dissesse que o livro não era uma prerrogativa de uma escritora semianalfabeta e sim do próprio jornalista envolvido nesse processo.

> Tudo indica que a editoração de Audálio Dantas foi muito além da "excessiva presença" que admite na preparação do texto. Cortes, seleções, vocabulário e até, penso eu, notações inteiras, sugerem que é tempo de lhe restituir autoria do "diário de uma favelada" (MARTINS, 1993, p.74).

Porém, mesmo que no ato de edição, Audálio tenha feito algumas intervenções, mexendo na pontuação e nas palavras que para ele poderiam causar incompreensão, isso não faz dele autor ou co-autor dessa escrita e, portanto, toda a prerrogativa da mesma é da única e verdadeira escritora: Carolina Maria de Jesus. Quanto à autenticidade, a intervenção de Audálio na edição desse livro, de maneira nenhuma, tiraria a autenticidade dessa escrita ímpar na literatura, visto que a voz que apresenta e desvenda os segredos da favela permanece ali e a autenticidade dessa escrita decorre dessa característica: da narração na e sobre a favela por alguém que vivia e sofria as angústias de morar nesse espaço. A escrita de Carolina é válida e autêntica por fazer ouvir as vozes dos excluídos expressos no seu diário. A Audálio coube somente apadrinhar a publicação desse livro e assim alcançar seus objetivos de ter em Carolina a reportagem jornalística que atingiria a imprensa nacional e por consequência mudaria sua vida totalmente. E mudou. O sucesso de **Quarto de Desejo**: diário de uma favelada foi tão grande que o Brasil tornou-se pequeno de modo que foi editado, também, em outros países. O livro dessa escritora negra e favelada além da repercussão editorial que teve a nível nacional também foi traduzido para 13 idiomas. Junto com a repercussão do livro crescia o sucesso do jornalista que descobriu esse fenômeno da nossa literatura- Carolina de Jesus.

Quarto de Despejo foi sem dúvida um recorde editorial e literário para a época em que foi lançado, pois poucos autores ousaram escrever um livro tão emblemático quanto este,

que trazia um discurso revelador sobre a vida na favela, narrado por uma favelada semianalfabeta, causando assim polêmica entre a população letrada do período. Além disso, alcançou um recorde de vendas que nem toda obra de autores consagrados da nossa literatura conseguiu atingir.

> Um livro assim, forte e original, só podia gerar muita polêmica. Para começar, ele rompeu a rotina das magras edições de dois, três mil exemplares, no Brasil. Em poucos meses, a partir de agosto de 1960, quando foi lançado, sucessivas edições atingiram, em conjunto, as alturas dos 100 mil exemplares. (DANTAS, 1997, p. 4).

1.2 Uma Escrita Singular

Singular é tudo aquilo que se apresenta como único, com características que ninguém mais possui. Assim era Carolina de Jesus, uma mulher cheia de predicados peculiares e uma personalidade diferente de muitas de sua época, tanto quanto pessoa como quanto escritora. Sua conduta, sua dedicação aos filhos e, principalmente, o hábito de escrever, mesmo não dominando com perspicácia as letras, fazia dela um indivíduo diferente dos demais que viviam na favela.

Percebemos nas confissões de Carolina algumas características que são inerentes a sua condição social e ao ambiente e pessoas com quem conviveu, são as chamadas idiossincrasias da escrita de Carolina Maria de Jesus.

Temos ao longo do enredo de **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada uma escrita que se apresenta como refúgio de alguém que busca fugir da realidade que lhe cerca. Concomitantemente temos uma espécie de escrita-denúncia que revela as mazelas da favela e denuncia o descaso dos políticos em relação ao povo favelado. Temos também, a escrita como salvação, pois, segundo Carolina, somente a escrita podia lhe tirar daquela situação de miséria em que se encontrava e, portanto, seria a salvação para os seus problemas. Enquanto que para Carolina o ato de escrever era um meio de sair da situação decadente em que se encontrava, para os demais favelados este ato apresentava-se como uma ameaça, pois revelava a intimidade e a rotina que eles não queriam ver exposta além de denunciar comportamentos repugnantes.

1.3 A Escrita como Fuga da Realidade

Vivendo em um ambiente totalmente hostil e em condições sub-humanas, Carolina de Jesus travava diariamente uma luta constante contra a fome. O seu deitar e levantar diário tinha como principal objetivo conquistar um pouco de comida para si e para seus filhos. Roupas e sapatos e outros utensílios só quando encontrava no lixo ou ganhava de alguém que se compadecia da situação precária e triste que vivia esta mulher e isso raramente acontecia, pois a solidariedade era um sentimento que pouco existia naquele espaço. A própria Carolina relatou em seu diário que "A única coisa que não existe na favela é solidariedade" (JESUS, 1997 p.13).

Ela acordava cedo e já começava executar as tarefas que lhe cabia enquanto individuo marginalizado que encontrava no lixo o seu sustento e de sua família. "Eu vou sair para catar papel [...] eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte. Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas e lenha [...] Cato papel. Estou provando como vivo!" (JESUS, 1997, pp. 10, 14).

A grande questão é, e Carolina de Jesus era feliz? Quem em situação de incertezas diárias quanto ao fato de se vai ao não conseguir o que comer pode viver feliz? Não há felicidade em meio à tamanha pobreza e privações constantes acrescidas das incertezas que a vida lançava a Carolina todos os dias.

Além da rotina de revirar o lixo em busca de meios que possibilitassem conquistar alimentos para satisfazer as necessidades básicas de seus filhos e de si mesma, esta mulher ainda tinha que enfrentar a soberba e inveja de seus vizinhos favelados e encrenqueiros que transgrediam quase todas as regras de convivência social. Apesar da canseira que era viver no e do lixo, o que a deixava mais triste não era o fato de exercer o ofício de catadora de papel, mas de viver na favela e conviver com as pessoas que ali habitavam. "Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me a andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela." (JESUS, 1997, p.19).

A maneira como as coisas aconteciam na favela e como as pessoas se comportavam fazia nascer em Carolina uma aversão total aquele ambiente que ela chamava de quarto de despejo de São Paulo. "... Eu classifico São Paulo assim: O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos." (JESUS, 1997, p. 28). No conceito dessa escritora por ser a favela o quarto de despejo, isto é, o local onde se joga tudo que não presta, os objetos sem valor, os pobres, por consequência,

seriam também esses objetos desvalorizados, são os trastes velhos que são lançados no quarto de despejo – na favela, segundo afirma Carolina.

Por estar inserida em um ambiente que lhe provocava aversão, por executar uma rotina cansativa para um ser humano e ainda assim viver em condições sub-humanas, Carolina encontrava na escrita de seu diário um meio de fuga, um escape dessa realidade melancólica, feia e desesperadora que a envolvia. "O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente a pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem riscos, antes de voltar mais leve ao mundo real". (LEJEUNE, 2008, p.262).

Em suas confissões, Carolina revelou que a escrita era um meio de esquecer, ainda que temporariamente, a miséria que lhe envolvia "[...] Umas coisa que escrevi há tanto tempo para desafogar as misérias que enlaçavam-me igual a cipó quando enlaça as arvores" (JESUS, 1997, p. 171) . Ao escrever, ela se sentia longe desse ambiente degradante, e assumia uma nova fisionomia. A escrita lhe trazia a paz que a favela lhe negava. Por isso, o ato de escrever fazia parte de sua rotina, e não havia uma hora específica para executar este ato às vezes de madrugada, ao amanhecer do dia, ao entardecer, sempre que podia ela escrevia.

Na favela tudo era motivo de briga e gritaria, Carolina, porém, assumia um comportamento diferenciado, preferia escrever a discutir. "Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo". (JESUS, 1997, p.19). Em vez de se envolver naquele ambiente de gritarias e escândalos, ela se refugiava na escrita. Lejeune (2008, p. 262) afirma que "[...] o papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros". Talvez por isso, nesses momentos conturbados, Carolina optava por escrever, porque o papel era esse amigo confidente onde ela despejava suas magoas e resignações. Escrevia todos os dias e todos os dias ela abandonava aquele cenário precário e passava existir num cenário idealizado pela escrita, lugar onde podia viver como queria e desejava e assim se esquecia da tristeza que era sua vida.

> Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhante. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (JESUS, 1997, p. 52)**.**

Porém, depois do sonho que a escrita lhe proporcionava havia uma realidade que lhe sufocava. A favela continuava ali, a pobreza era real e fome ainda era o fantasma que lhe atormentava constantemente.

> Sonhei que eu residia numa casa residivel, [...] Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do rio Tietê. E como 9 cruzeiros apenas. (JESUS, 1997, p.35)

Interessante que mesmo tendo uma rotina cansativa que lhe roubava quase todo o tempo e forças, Carolina sempre encontrava um momento e disposição para escrever.

Em **O Pacto Autobiográfico**, Lejeune (2008, p. 263) afirma que "o diário pode trazer coragem e apoio" assim, entendemos que escrever era o apoio que Carolina encontrava depois de executar tarefas exaustivas. Ela escrevia tudo que via e ouvia, relatava sua fatigante experiência diária. O lápis e o papel eram seus companheiros de todos os dias e talvez eles fossem os únicos elementos que ainda possibilitavam o sonho para esta mulher já debilitada pelas lutas diárias. Escrever era a única coisa que tirava Carolina daquela realidade passiva de sofrimento e a conduzia a um espaço mais harmônico, a outra realidade. A escrita apresentava-se como passaporte para um mundo maior, melhor e mais humano, era uma espécie de fuga imediata daquela realidade hostil para uma realidade outra. Escrever se apresentava para Carolina como uma espécie de bálsamo que amenizava a dor de existir em um ambiente tão degradante e inabitável, não que havia poucas pessoas habitando ali e sim porque as condições eram tão precárias que viver ali era uma verdadeira arte da sobrevivência, um salve se quem puder porque o ambiente não ajudava. "Havia pessoas que nos visitava e dizia: credo para viver num lugar assim só os porcos, Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo" (JESUS, 1997, p. 30).

A antagonista principal do enredo da vida de Carolina era a fome. Acordar e perceber que não tinha nada para saciar a sua fome e a dos seus filhos deixava-a nervosa, triste e a conduzia a vagar pelas ruas de São Paulo em busca de papel, ferro, estopa ou qualquer outra coisa que lhe rendesse um dinheiro para comprar pão, café, feijão e carne quando desse. Quando não encontrava papel, ferro ou estopa recorria ao lixo para ver se encontrava algum alimento que servisse para comer e saciar a fome. A fome era a realidade mais avassaladora de Carolina e por mais das vezes ela escrevia para esquecer que a fome estava ali tão íntima dela e de seus filhos, alojada em sua casa mesmo contra sua vontade. "Quando eu não tinha nada para comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário" (JESUS, 1997, p. 170).

Mais uma vez constatamos que a escrita era para Carolina um passaporte para uma realidade outra, um mundo distante da fome e do cansaço que envolvia aquela mulher, era uma espécie de fuga imediata para um ambiente mais aprazível.

1.4 A Escrita como Denúncia

Outra característica marcante da escrita desta autora é o tom de denúncia que encontramos em suas confissões. A escrita, além de ser um meio encontrado por Carolina para se distanciar ou fugir da realidade que lhe amargurava, foi também um meio de transmitir sua indignação e denunciar as injustiças que ela presenciava. Ao relatar as ações diárias, as alegrias e as tristezas, as brigas e intrigas Carolina relatava também o descaso dos políticos pelo povo favelado, os interesses partidários e o pouco desvelo pela população carente, ao mesmo tempo denunciava atitudes mesquinhas dos comerciantes e também a conduta débil dos moradores daquela comunidade. Esta escrita se apresentava como escrita-denúncia, como um grito que revelava tudo de errado que envolvia aquele lugar e as pessoas que ali se inseriam.

Uma das denúncias que é enfatizada na narrativa de **Quarto de Despejo** é a relação favela x políticos. Ao analisar a situação precária dos favelados e a infraestrutura daquele espaço, Carolina ressaltava que os políticos só se lembravam da favela em épocas eleitorais quando visavam conquistar os votos dos favelados e depois disso esqueciam que naquele espaço residiam pessoas que necessitavam da ajuda deles.

Em ano de eleição davam colchão, e alguns alimentos, coisas básicas com isso conquistavam a simpatia daquelas pessoas necessitadas e seus votos por consequência. Passada as eleições e, uma vez eleito, eles esqueciam completamente da favela.

> Quando um politico diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na politica para melhorar as nossas condições de vida pedindo nosso voto prometendo congelar os preços, já estar ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que feri a nossa sensibilidade. (JESUS, 1997, p. 34).

Essa atitude vergonhosa de políticos que vem apenas conquistar um posto e prestígio social e depois se esqueciam completamente das pessoas que o elegeram despertava indignação e esta indignação era relatada nas narrativas de Carolina de Jesus como uma espécie de denúncia. Diante desse quadro, Carolina passava a desacreditar na democracia e no caráter dos políticos. “A democracia está perdendo seus adeptos. No nosso país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco, a democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.” (JESUS, 1997, p.35).

Além da ação vergonhosa dos representantes políticos, a autora de **Quarto de Despejo** rejeitava e criticava a conduta dos comerciantes de São Paulo que viam na favela um lugar de despejo para lançar toda mercadoria estragada que já não podia permanecer em seus comércios.

> Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogou umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. (JESUS, 1997, p. 29).

Através desses relatos da conduta dos comerciantes, a escritora denunciava a exacerbada ambição que reinava entre os mercadores e a maneira como isso afetava os favelados uma vez que como a fome era personagem atuante naquele espaço quando os produtos estragados eram lançados na favela logo eram recolhidos pelos famintos que já não importavam se o produto estava estragado ou não, queriam saciar a fome que lhes castigava.

A escrita como denúncia é aquela que aponta ações e comportamentos opressores, egoístas e injustos. Assim concebemos as confissões de Carolina em seu diário, como denúncia de atos e comportamentos que não deviam acontecer, mas que eram frequentemente executados.

Todas as revelações até aqui citadas foram enfáticas nos discurso da autora, mas uma nos chama a atenção: o relato sobre as edições de livros e de seus respectivos autores. Sabemos que Carolina escrevia e tinha pretensão de publicar seu texto e por muitas vezes procurou as editoras para publicar o livro, porém sempre obteve respostas negativas, não havia ninguém disposto a ajudá-la na edição dos seus escritos. Essa rejeição decorria, entre outros fatores, segundo Carolina, do fato de ser ela pobre. “Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar meu livro para os Estados Unidos”. (JESUS, 1997, p. 117).

A denúncia é clara, o pobre não pode escrever, e ser pobre e negra só complicava mais a situação dessa mulher sonhadora.

Carolina não era nem uma “Boca do Inferno” não tinha o mesmo reconhecimento canônico que Gregório de Matos e outros autores consagrados da nossa literatura, mas à sua maneira, lançou criticas tão ferrenhas quanto as deste autor, denunciou posturas inadequadas dos próprios moradores da favela, dos comerciantes, denunciou o descaso da política e a ambição dos políticos, criticou empresários e favelados e deixou em seus escritos a indignação que sentiu de viver em um ambiente sórdido como a favela e de ter como

representantes políticos homens tão mesquinhos e hediondos. Era a escrita-denúncia que ecoava como grito de uma voz que poucos deram atenção, mas que alcançou a nação brasileira e outras nações – a voz de Carolina Maria de Jesus, a escritora favelada.

1.5 A Escrita como Salvação

Apesar de termos em Carolina de Jesus uma escrita como um caráter de refúgio imediato de alguém que tenta a todo custo fugir da realidade que lhe assola, e a escrita denúncia que relata o descaso político, o fato dos interesses individuais se sobrepor aos interesses coletivos, a conduta nada exemplar dos comerciantes com sua ganância e extrema avareza, temos, também, uma escrita que se apresenta como salvação de todos os males que assolava aquela mulher ainda não reconhecida pelo público.

A escrita-salvação seria aquela que solucionaria os problemas, cessaria as mazelas e traria paz ao interior do aflito. Assim, Carolina de Jesus concebia a escrita. Para ela a publicação do seu livro seria a solução para todos os seus dilemas, o fim das mazelas que lhe assolava e consequentemente a publicação do livro traria a paz que ela tanto almejava, pois daria condições para sair da favela e habitar em uma casa de alvenaria em outro espaço, mais saudável e com outros aspectos, daria condições de viver uma vida mais digna longe da fome e dos conflitos que só a favela proporcionava.

> Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe despresando. Disse-lhe: Não!
> É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém". (JESUS, 1997, p. 25).

Carolina tinha a escrita como um ideal a ser alcançado. Acreditava que se conseguisse publicar o que escrevia conseguiria, enfim, alcançar uma condição mais digna para si e para seus filhos. Por acreditar nisso, abriu mão de muitos prazeres e companheiros e dedicava o tempo que tinha à escrita.

> O seu Manoel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 1997, p.44).

Escrever era seu maior ideal e nada a afastava desse objetivo maior da sua existência – escrever e conseguir por intermédio da escrita sair da favela, espaço que significava o seu maior pesadelo. Viver e conviver na favela pareciam ser a dor maior que habitava no interior daquela mulher.

1.6 A Escrita como Ameaça

Se para Carolina a escrita apresentava-se como uma espécie de salvação, a solução para os problemas que a assolavam, o princípio de um sonho a ser realizado, para os demais moradores da favela e para as pessoas que a conheciam, esta escrita era uma espécie de ameaça, uma pedra no meio do caminho, um espinho que espetava a índole, o caráter e a soberba, visto que ela escrevia de tudo e de todos criticando comportamentos absurdos, denunciando incoerências e erros e revelando o seu ponto de vista a respeito dos acontecimentos, não deixando escapar as criticas que atingiam diretamente pessoas influentes e de grande poder aquisitivo como os empresários e os políticos.

A princípio, os próprios vizinhos favelados sentiam-se ameaçados por ter uma escritora por perto. Sabiam que nessa escrita poderiam ser revelados comportamentos ou até mesmo a intimidade que afetaria direta ou indiretamente a pessoa a quem ela se dirigia. Como sinalizou Lejeune (2008, p. 263) "o papel é um espelho [...] fazendo surgir as contradições e os erros, todos os vieses que possam abalar nossas certezas". Por ser o papel um espelho, poderia ser refletida, na escrita de Carolina, a imagem e os segredos que os favelados não desejavam compartilhar. Talvez por isso, muitos tratavam Carolina de Jesus como uma certa indiferença, sabiam que ela não era uma moradora qualquer, era diferente, era uma escritora.

"As rascoas da favela estão me vendo escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz". (JESUS, 1997, p.18). A escrita que se apresenta como ameaça para os vizinhos favelados retornava a sua autora como um escudo que a defendia e a colocava longe e protegida desses vizinhos e de suas malícias.

A própria Carolina tinha ciência de que sua escrita ameaçava a quase todos naquele ambiente. Ela mesma afirmou em seus relatos que "[...] se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoas que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas" (JESUS, 1997, p. 69).

Os relatos denunciavam e revelavam atos e comportamentos rotineiros e absurdos até então desconhecidos. Talvez por revelar o desconhecido, aquilo que ficava entre as quatro

paredes da favela, desenvolvia nos moradores um sentimento de ameaça, e assim eles queriam ficar longe dessa mulher que por intermédio da escrita adquiria voz.

Não era raro alguém se revoltar e insultar Carolina por ela estar escrevendo e descrevendo a vida da e na favela. "[...] Tomei o ônibus e quando cheguei no ponto final a jornaleira disse que as negrinhas da favela havia me chingado, que eu estava desmoralizando a favela." (JESUS, 1997, p. 150). Muitos ali acreditavam que ao escrever sobre a rotina da favela, Carolina colocava em evidência a intimidade e os segredos daquele lugar e dos seus habitantes e consequentemente passaria uma visão negativa da mesma.

Havia aqueles que se dirigiam diretamente a escritora e perguntava se estavam presentes no enredo do diário. Existia, portanto uma preocupação, uma dúvida que deixava alguns moradores inquietos. "Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me: - Dona Carolina, eu estou nesse livro? Deixa eu ver! [...] E porque é que eu estou? [...] O que é que a senhora ganha com isto?" (JESUS, 1997, p. 126). Havia, também, aqueles que já tinham certeza de sua participação como personagem dos relatos de Carolina e por isso estressavam-se e a repreendiam com insultos. "Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse-me: - Você é mesmo uma vagabunda [...]". (JESUS, 1997, p. 17).

A indignação, em muitos casos, partia do pressuposto que a vida íntima e rotineira das pessoas não deveria ser escrita, que Carolina errava ao insistir nessa ideia: "o que ganhava esta favelada metida à escritora escrevendo sobre a vida das pessoas da favela? O que ela quer como isso, desmoralizar a favela?" Estes eram alguns dos questionamentos de alguns dos moradores da favela do Canindé.

Mas não era somente aos moradores da favela que a escrita de Carolina apresentava-se como ameaça. Alguns personagens que viam na escrita uma ameaça a sua postura e personalidade não residiam na favela. É o caso do pai de Vera Eunice, filha de Carolina de Jesus, que solicitava constantemente para que seu nome não fosse revelado no diário. "O pai de Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome no Diário. Podia reconhecer o meu silêncio. E se eu fosse uma dessas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse um escândalo." (JESUS, 1997, p.156).

Todos que Carolina citava em seu diário sentiam em maior ou menor grau a força que a voz de uma escritora, mesmo ainda não reconhecido por um grande público, tinha e como essas narrativas em sua essência denunciavam situações, revelava comportamentos e atitudes, não era raro as pessoas sentirem-se ameaçados e por isso, muitos se indignavam contra a escritora da favela.

1.7 Uma Escrita Autobiográfica.

Uma característica curiosa do livro **Quarto de Despejo** é seu formato. Toda a escrita é desenvolvida em forma de diário. Como bem se expressou Lejeune (2008, p. 260) "a base do diário é a data. O primeiro gesto do diarista é anotá-la acima do que vai escrever". E assim fazia Carolina, sempre que descrevia ou relatava algo iniciava com a data. A escrita do livro começa da seguinte maneira: "15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice [...]" (JESUS, 1997, p.9) e finaliza com o seguinte relato: " 1 DE JANEIRO DE 1960 Levantei as 5 horas e fui carregar água". (JESUS, 1997, p. 167). As datas estão presentes em todo o livro sinalizando que este foi composto pela junção do diário escrito por Carolina.

"O Diário íntimo é um texto mais fragmentado, as divisões seguem o calendário [...] A liberdade dessa forma literária permite anotações das mais diversas." (LIMA, 2005, p. 287). Em **Quarto de Despejo** encontraremos essa diversidade de anotações, vai desde relatos que descreve o dia, a paisagem até a relação conflituosa dos moradores da favela.

> A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exotica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido. Começo ouvir uns brados. Saio para a rua. É o Ramiro que quer dar no senhor Binidito. Mal entendido. Caiu uma ripa no fio da luz e apagou a luz da casa do Ramiro. Por isso o Ramiro queria bater no senhor Binidito. Porque o Ramiro é forte e o senhor Binidito é fraco. (JESUS, 1997, p. 28).

Os diários, assim como as confissões, as memórias e as cartas são formas autobiográficas. Autobiografia é um gênero literário em que uma pessoa narra história da sua vida, relatando experiências vivenciadas. Inclui manifestações literárias semelhantes entre si que revelam sentimentos íntimos do autor. O diário, particularmente, é um gênero textual que se caracteriza por reunir relatos de fatos do cotidiano, impressões, pensamentos, observações, opiniões, ideias, sentimentos e segredos da pessoa que escreve. Esses relatos são narrados em primeira pessoa revelando o caráter pessoal desse gênero. Geralmente quem escreve um diário o faz de maneira que as outras pessoas não conheçam o conteúdo ali exposto, pois, o diário como afirma Philippe Lejeune (2008, p. 57) "É uma atividade discreta [...] é feito longe do olhar dos outros, escondido da família".

Carolina escreveu muito de suas experiências, apresentou confissões e expressou sentimentos no diário que deu origem ao seu livro. Temos, portanto, uma escrita íntima que se torna coletiva a partir do momento que é publicada. O valor ou importância da escrita íntima estar, também no seu caráter documental que revela as características e comportamentos da

sociedade de um dado momento histórico. Lima (2005, p. 276) sinaliza que "a relevância dessas obras nacionais não reside em seu valor estético, sua importância primordial é de serem testemunhos privilegiados de uma época e seus eventos, quando a escrita íntima se torna coletiva". O modo subjetivo como Carolina se expressava no diário possibilita ao leitor conhecer como agiam e se comportavam a sociedade paulista entre os anos 50 e 60, do século XX, e deste modo, o diário torna-se um testemunho da época, pois como afirmou Lima (2005, p. 282) "é na escavação do mundo interior que se encontram as estruturas do exterior". Portanto, na subjetividade da escrita Caroliniana encontramos um pouco da história do Brasil, especificamente de São Paulo e, deste modo, a intimidade e a coletividade se misturam.

O diário de Carolina de Jesus é um exemplo de escrita íntima que se tornou coletiva, que passou do interesse individual para o coletivo. Mas, uma das características de um diário é justamente seu caráter privado, ele não foi feito para ser publicado. Diante disso, o que levou Carolina a manter seu diário sendo que o desejo dela era um dia publicar um livro?

Para responder a indagação acima é pertinente esclarecermos que Carolina não sabia que ao escrever apenas apresentava confissões e relatava suas experiências diárias. Ela acreditava plenamente que produzia literatura, que estava dando forma ao seu livro, aquele que lhe possibilitaria um ingresso para conquistar um espaço longe da favela. Assim, Carolina escrevia e mantinha o diário guardado por que ele significava para ela muito mais que relatos e confissões do dia-a-dia, era o seu livro que estava sendo moldado.

Não esqueçamos que o diário é uma escrita íntima que revela segredos, sentimentos, pensamentos que devem ser mantidos e guardados, longe do olhar alheio. Deste modo, podemos levantar o seguinte questionamento: por ser o diário um relato de experiência pessoal, onde segredos e sentimentos são expostos o que ocorre quando ele vem a público?

No caso específico de Carolina, a publicação do livro que continha o conteúdo do diário escrito por ela entre os anos de 1955 e 1959 gerou polêmica tanto entre os moradores da favela quanto entre a própria elite literária do período.

Como sinalizado anteriormente, os moradores viam a publicação do livro como uma ameaça visto que ali estava exposta a vida da favela e eles não queriam ver suas intimidades exibidas, preferiam ficar no anonimato. Por isso, muitos se irritaram com a publicação do livro.

A elite literária, por sua vez, criticou, houve até aqueles que afirmaram que **Quarto de Despejo** não tinha formato e característica de uma obra literária. "Os escritos de Carolina de Jesus não foram considerados por muitos como literatura. Além do mais, a escrita não

preenchia os requisitos para a legitimação de um escritor no campo literário". (ANDRADE, 2008, p.33).

Foram muitas as críticas lançadas em relação ao **Quarto de Despejo**, Criticaram a linguagem utilizada, pois se afastava do modelo padrão da língua, à questão do livro ter forma de diário, a própria condição social e a escolarização da escritora.

> Para a opinião pública, Carolina era considerada contestadora da ordem. Na lógica dos tempos ditatoriais, seus escritos não serviam ao padrão do novo regime, que no lugar de "insatisfeitos" defendia o modelo de "disciplinados", coerentes com o suposto de "um país que vai pra frente". Não bastasse o humor governamental, cresceram reações de críticos insensíveis às mudanças estéticas e velhos defensores da "boa literatura". Alguns foram inclementes com Carolina. Wilson Martins, por exemplo, chegou a afirmar que ela "queria ser escritora sem saber escrever", e mais tarde fez críticas repetindo que seus escritos foram fabricados e eram panfletários. (MEIHY, 1998, p.190)

A crítica literária tratou a escrita de Carolina como muita severidade e esta severidade não deveria se aplicar a uma pessoa que cursou somente o segundo ano de uma escola primaria.

> É preciso terminar dizendo que a crítica literária no Brasil se ofereceu para ser o algoz mais importante de Carolina. Foi ela quem decretou incertezas na lógica da pobre escritora negra e que colocou todos os defeitos e cobranças que jamais poderiam ser aplicados a uma personagem como foi Carolina Maria de Jesus. (MEIHY, 1998, p. 91)

Independentemente das críticas que foram lançadas e da maneira como muitos receberam a escrita, Carolina de Jesus só enriqueceu nossa literatura ao apresentar um livro singular como **Quarto de Despejo.**

Observando essas facetas do processo de escrita de Carolina de Jesus, não resta dúvida que era uma escrita singular, com características e particularidades que rompem e se distanciam de muitas escritas até então conhecidas do público leitor. Essa peculiaridade nos leva a suscitar algumas indagações: como classificar a escrita de Carolina de Jesus? Em qual vertente das produções literárias ela deve se encaixar? Considerando o grande sucesso editorial do livro dessa autora, poderíamos inseri-la na vertente canônica ou por ser uma escritora negra deveríamos inseri-la na linha de produções afro-brasileiras?

2 LITERATURA, CÂNONE E MARGINALIZAÇÃO.

Mesmo sendo dos anos 60, século XX, **Quarto de Despejo** transmite àqueles que o leem uma mensagem atual, é como se estivesse narrando a história dos nossos dias. Quantas são as Carolinas que vagam pelas ruas do Brasil? Quantas favelas ainda não abrigam a população que não tem condição de morar em casa de "alvenaria"? Quantos sãos os catadores que encontram no lixo um meio de sobrevivência?

Por intermédio da escrita, Carolina apresentou a favela do Canindé para o mundo, mostrou como e do que viviam as pessoas que ali habitavam e enfatizou o contraste que se manifestava na São Paulo dos anos 50 a 60 do século XX. De um lado, o desenvolvimento urbano, industrial e econômico tornava esta cidade um retrato do progresso, aos olhos de muitos, era um exemplo de cidade que atraía olhares e admiração. Por outro lado, Carolina de Jesus mostrava a São Paulo desconhecida da maioria das pessoas, a favela, lugar de pobreza, de fome, moradias precárias e que contrastava com o desenvolvimento espelhado pelas ruas do centro da cidade. "Ho! São Paulo rainha que ostenta a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela". (JESUS, 1997, pp.37).

Em meio à efervescência política, do período, quando a sede pelo progresso social e econômico era visível,

> Para sustentar a ideia da década de 50, como sendo um período de progresso e intensas transformações que mudariam o rumo do país, era necessário que, de certa forma, se ignorasse, ou ao menos, tentasse esconder aquilo que contrastava com o ideário de modernização. (ANJOS; PASCHOAL, 2006, p.60)

Na verdade para sustentar a ideia de progresso era necessário esconder a miséria que existia nas favelas. Isso explica, em parte, o motivo do desconhecimento de muitos naquele período sobre a real situação vivida pelas pessoas nas favelas.

Anjos e Paschoal (2006, p. 61) afirmaram que:

> De fato, os anos 50 representaram para o imaginário nacional um tempo de euforia. As propostas de JK prometiam um desenvolvimento rápido e intenso e esta efervescência tanto política como cultural passaria para a história como os 'anos dourados'. Esses 'anos dourados', no entanto, ocultam as disparidades sociais que se intensificaram no espaço-urbano. O processo de industrialização acentuou o êxodo rural, os centros urbanos não conseguiram absorver o grande contingente de migrantes, e a política desenvolvimentista acentuou ainda mais a desigualdade social brasileira.

A soma desses fatores: êxodo rural proporcionado pela industrialização e politica desenvolvimentista contribuiu significativamente para a formação e expansão das favelas.

Verifica-se no livro **Quarto de Despejo** que Carolina de Jesus e muitos que viviam na favela do Canindé emigraram de outras cidades almejando alcançar uma melhor condição de vida. Todavia, como assinalou Anjos e Paschoal (2006) "O espaço urbano ao mesmo tempo em que opera no sentido de melhora do padrão de vida de alguns, também opera no sentido contrário, acentuando a miséria e a exclusão de outros" e esses migrantes que vinham em busca de uma condição de vida mais favorável acabavam não tendo oportunidade para alcançar seus objetivos e terminavam se abrigando na favela.

> Eu estava escrevendo quando o filho do cigano veio dizer-me que o seu pai estava chamando-me. Fui ver o que ele queria. Começou a queixar-se que encontra dificuldades para viver aqui em São Paulo. Saiu para procurar emprego e não encontra. Disse que vai voltar para o Rio porque lá é melhor de si viver [...] O nome do cigano é Raimundo. Nasceu na capital da Bahia. (JESUS, 1997, p. 70, 132, 134).

Assim, **Quarto de Despejo** não é somente apresentação de relatos sobre a vida de Carolina de Jesus em meio a favela do Canindé, é uma produção literária que apresenta também descrições históricas, visto que a partir da leitura desse livro é possível entender como se deu a formação das primeiras favelas em São Paulo e como vivia e se comportava as pessoas que habitavam este espaço.

> Sem acesso às formas tradicionais de provisão de moradia, a população trabalhadora criava favelas ou buscava os loteamentos de periferia, em assentamentos onde devia confeccionar um alojamento precário num contexto em que inexistia qualquer equipamento ou infraestrutura urbana. (BUENO, 2000, p. 49).

> Em São Paulo julga-se que as primeiras favelas apareceram na década de 1940 [...] A favela, vista pelos olhos das instituições e da classe média, seria por excelência o local da desordem, território urbano dos pobres, tradução espacial da exclusão social. A nível de representação social, o favelado pertence não apenas ao mundo dos pobres, mas também ao mundo dos problemas sociais. (PASTERNAK, 2011, pp. 4, 13)

Além de ser uma escrita que possibilita ao leitor conhecer como e por que se deu a formação das favelas em São Paulo, o livro é também uma forma de denunciar as mazelas sociais, visto que na favela, Carolina de Jesus e os demais estavam sujeitos a vários riscos por consequência das condições de moradias que eram submetidos e da não assistência por parte dos administradores e autoridades políticas do momento, bem como, pela ausência de elementos básicos para a sobrevivência.

> Os serviços públicos básicos eram negados às favelas, que não tinham iluminação, energia, água, coleta de lixo. Era comum o uso de querosene para cocção e iluminação e mais de 70% das favelas usavam água de poços comuns, feitos pelos próprios moradores, ou bicas (BUENO, p. 59),

Os relatos do livro mostram ao leitor o percurso de vida da população favelada, que ignorada e isolada tinha que sobreviver em meio a fome, a miséria e a revolta de viver em um lugar sem o mínimo de condições para uma sobrevivência digna. "Estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa [...] As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre" (JESUS, 1997, pp. 30, 33).

Mais de cinco décadas se passaram desde o período relatado por Carolina até os dias atuais e questionamos: a favela é realidade apenas das décadas de 50 e 60 do século XX ou é uma realidade das Carolinas do século XXI? A precariedade das moradias e a condição de catador de papel foram vividas apenas pelas pessoas que habitaram as favelas nesse período ou isso é constatado nos dias atuais?

O tempo passou e muita coisa continua acontecendo como nos tempos de outrora. As moradias precárias, a falta de assistência às pessoas que moram em favelas ainda é alarmante. A quantidade daqueles que sobrevivem da reciclagem do lixo é grande. Embora algumas coisas tenham assumido nova aparência, a pobreza, a falta de assistência e a fome ainda estão presentes nas favelas do Brasil. Como afirmou Gonçalves e Nascimento (2011), "As favelas se multiplicam, mudam suas configurações, mas continuam degradando o sujeito". Esse lugar que surge da necessidade, que uma população tem de se abrigar em moradias, continua sendo o espaço desumanizador que degrada o sujeito, atribuindo-o o status de suburbano, favelado e o conduz a margem da sociedade.

> A favela surge primeiro da necessidade do onde morar, e só posteriormente o como morar é que preocupa. Casa/barraco de lata, de folha de zinco ou papelão, isso se resolve depois. Na verdade, a imagem das favelas atuais tem variado bastante de uma cidade para outra; algumas já possuem saneamento básico, asfalto e até transporte urbano, contudo os pontos negativos que a caracterizam, tais como violência e miséria, mantêm seu *status quo*. Para muitos, a favela é uma estratégia de sobrevivência: uma saída, uma iniciativa, que levanta barracos de um dia para outro, contra uma ordem desumana e segregadora, mas nem por isso um espaço de acomodação. (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2011 p.56)

Quarto de Despejo, apesar do tempo que foi escrito, relata experiências de vida que se aproximam das situações vivenciadas por pessoas que habitam as favelas das cidades brasileiras na atualidade. Portanto, ele "não é um livro de ontem, é de hoje. Sua contundente atualidade é dramaticamente demonstrada pelos arrastões que invadiram em 92 as praias da zona sul do Rio de Janeiro. Os quartos de despejos, multiplicados, estão transbordando". (DANTAS, 1997, p. 5). Nesses termos, temos em **Quarto de Despejo** um conteúdo que transcende ao tempo e se apresenta como atual e significativo para as pessoas que hoje se propõem a lê-lo. Esta característica de transcender o tempo e apresentar-se como atual é característica das obras consideradas clássicas.

Segundo Ítalo Calvino (1993, p.13) "Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos," Assim, devemos entender um clássico como um livro que independente do tempo que foi escrito traz sempre uma mensagem atual que transmite sentido para a pessoa que lê mesmo que este livro já tenha dez, trinta, cem ou mais anos de publicado. O importante é o conteúdo que ele veicula, pois sempre será atual, porque afinal essa é a característica principal de um clássico. Calvino (1993, p.9) acrescenta que "Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual".

Percebemos no livro de Carolina características de uma obra clássica embora ela não tenha sido classificada com tal. Assim sendo, como explicar uma obra não ser, e ainda assim possuir características de um clássico? Por que **Quarto de Despejo** não adquiriu este status?

Os clássicos geralmente são obras que estão incluídos no cânone literário.

> Em sua etimologia, o termo cânone, vem do grego *kanón*, compreendia uma regra, um modelo ou norma representada por uma obra ou um poeta. Semelhantemente, a Igreja utilizou este termo para designar uma lista de santos e também uma seleção de livros reconhecidos como dignos de autoridade. Ou seja, as origens do termo estão fundamentadas em um processo de exclusões. (JACOMEL, 2008, p.112)

O cânone, portanto, é um conjunto de regras que apontam quais obras serão canonizadas e se tornarão clássicos. Assim, as produções legitimadas pela tradição, que seguem as regras, as hierarquias estabelecidas, e apresentam uma estética e autores que se encaixam nos padrões definidos são aquelas que serão mais lidas e mais conhecidas do público leitor, serão os clássicos.

Não esqueçamos que o termo cânone carrega consigo a ideia de valores, de hierarquização, de normas que devem ser seguidas. A definição deste termo (cânone) nos remete a ideia de seleção de textos e/ou indivíduos, tanto da produção escrita quanto do escritor e isto se associa a disseminação de valores e a imposição de critérios estabelecidos pela crítica literária que possibilita diferenciar o legítimo do ilegítimo, o cânone da marginalização. "É importante ressaltarmos que o poder de seleção está nas mãos de grupos sociais privilegiados e/ou especialistas — os críticos. São eles que acabam por decidir que autores devem ser lidos, quais livros se tornaram clássicos [...]" (LIMA; SOUZA, 2006 p. 12). Logo, os conceitos defendidos por estes críticos são decisivos para que um livro adquira o status de clássico.

Sobre a formação do cânone literário no Brasil Cairo (1999, p. 32) afirma que na "primeira metade do século XIX, os críticos brasileiros criaram o cânone da história da literatura brasileira, influenciados pelas ideias da crítica romântica europeia que contribuíram para a construção da identidade nacional desta literatura".

Nosso cânone, portanto, foi formado por críticos literários que se encontravam impregnados de valores europeus e fixaram na literatura daqui alguns preceitos e valores da literatura ocidental.

Observando a formação do cânone brasileiro, entendemos que esta aconteceu com base em princípios idealistas e nos valores de uma classe hegemônica – os críticos literários do Brasil do século XIX. Foi o valor que os referidos críticos atribuíram a determinadas obras que as fizeram clássicas ou as afastaram dessa categoria. Assim, é possível inferir que o cânone em si é o princípio de uma exclusão, pois segundo afirma Compagnon (2006, p.33), "todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão". Sob esta perspectiva, o cânone nacional excluiu de seu contexto toda obra e autor que não se encaixava nas normas padronizadas pelos ideais vigentes. Logo, na formação deste, tanto a inclusão de autores e obras como a exclusão são resultados dos valores e interesses de uma classe. Basta regressarmos um pouco ao tempo e veremos que o cânone no Brasil formou-se a partir de valores masculinos, heterossexuais, brancos e cristãos. Valores estes tidos como supremos na sociedade, uma vez que o homem branco e a igreja tinham forte influência e domínio na sociedade brasileira do século XIX. Em contrapartida, o cânone afastou-se dos valores e das causas femininas, ignorou outras etnias e silenciou esses grupos. Logo, ele está intimamente vinculado ao poder, as ideologias dominantes de um dado momento histórico-social. Machado (1999, p. 59) afirma que "não existe obra culturalmente inocente, todas estão carregadas de ideologias". Acrescentando esta ideia, Reis (1992, p. 68) assim se expressa:

> Por trás de noções como linguagem, cultura, escrita e literatura, mesmo se não as tratarmos (como seria mais indicado) em termos históricos e menos abrangentes, se esconde a noção de poder [e] para trabalhar o conceito de "cânon" é importante ter em mente este horizonte, pois o que se pretende, ao se questionar o processo de canonização de obras literárias é, em última instância, colocar em xeque os mecanismos de poder a ele subjacentes.

Por vincular-se as ideologias de um dado momento e por ser baseado em critérios de valor, o cânone torna-se também elitista e excludente, como é o caso brasileiro, pois por muito tempo as produções literárias femininas assim como as de indivíduos negros foram consideradas inferiores, daí situadas à margem do cânone, sendo somente representação de produções de grupos sem voz e espaço.

Carolina Maria de Jesus, por ser mulher, negra e pobre apresentava tripla marginalização e, possivelmente, por isso, **Quarto de Despejo** foi situado à margem do cânone visto que não atendia aos critérios estabelecidos pela crítica literária.

Não existia espaço para as produções femininas e negras no cânone de uma sociedade impregnada de valores patriarcais, centradas nos princípios do homem branco. Na sociedade do inicio do século XX era admitido à mulher somente o papel de dona de casa e responsável pela educação dos filhos, até o acesso a escola era restrito a pouquíssimas. A própria sociedade afastava as mulheres dos ambientes letrados, tornando escassos os textos femininos.

Quanto ao negro, por um longo período da nossa historia foram colocados nas posições mais inferiores, sendo visto na maioria das vezes como indivíduos que deveriam ocupar uma posição subalterna, cabendo-lhe executar serviços braçais e árduos.

A presença do negro na literatura, como sinalizou Proença Filho, (2004.p. 161) "[...] não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade". Deste modo, tanto os grupos femininos como os negros permaneciam longe dos ambientes letrados e quando escreviam suas produções não tinham espaço em um cânone excludente. Portanto, "o cânone foi uma das formas que a crítica literária encontrou para assegurar seu poder, de experimentar seu imperialismo sobre as minorias". (JACOMEL, 2008, p. 120).

Talvez essa seja uma das explicações para entendermos o porquê de Carolina de Jesus não ter sido inserida no cânone mesmo depois de escrever um livro autêntico, que se tornou um recorde de vendas e que traz em sua essência um conteúdo que sempre será atual: a escrita sobre a fome, a pobreza e a luta de pessoas que buscam a sobrevivência em meio a um Brasil desigual e injusto. Outro fator que pode ter contribuído para o não pertencimento de Carolina

ao cânone foi a variante linguística utilizada pela autora, que não dominava a modalidade padrão da língua e escrevia à sua maneira, transgredindo a norma. E como herdamos uma tradição que diz haver uma maneira correta de falar e de escrever, marcando como erro a escrita que não segue a modalidade padrão, a escrita de Carolina foi sinalizada como um desvio, pois se distanciou dos preceitos padronizados pela gramática normativa.

Para Marcos Bagno essa crença do certo e do errado nada mais é do que "o preconceito linguístico e este está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa" (BAGNO, 1999, p. 9). Segundo este autor o que tem sustentado este preconceito são os mitos que se formaram em torno da língua. Entre eles, Bagno (1999) destaca o mito de que a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.

> O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito n° 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português". (BAGNO, 1999, p. 40)

O preconceito linguístico, possivelmente, foi um elemento que contribuiu para que a escrita de Carolina de Jesus fosse situada fora do cânone literário brasileiro. Além disso, o fato de a escrita ser em forma de diário também pode ser apontado com outro fator para que isso ocorresse, uma vez que o diário é incluído nas produções autobiográficas e a autobiografia sempre foi vista como um gênero menor, sem muita visibilidade no espaço literário. Portanto, por ser o cânone elitista, com base em critérios excludentes e pelo fato da escrita de Carolina de Jesus não se ajustar a essas normas e por ela mesma não apresentar o perfil tradicional (masculino e branco) não alcançou um espaço significativo no cânone literário brasileiro e nem o status de clássico.

2.1 Literatura e Representação de Minorias

No decorrer da nossa história, os grupos feminino e negro sofreram exclusão na sociedade e, essa exclusão se estendeu até a literatura na qual estes grupos foram e são, muitas vezes, representados por outros grupos que detém o poder da fala, da escrita e da legitimidade para representar em seus textos os múltiplos grupos sociais. Essa legitimidade de representar o outro foi e é realizada, na maioria das vezes, por homens brancos. Em decorrência disso,

muitas produções literárias femininas e negras receberam status de marginal, pois não encontraram a mesma aceitação que as obras escritas por indivíduos brancos do sexo masculino.

Sobre a questão da representação de minorias assim sinalizou Delcastagnè (2002, p. 34) "O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles". Delcastagnè enfatiza nesse discurso a dicotomia que envolve o ambiente literário e social: a hegemonia x a marginalização. A hegemonia apresentada por aquele que tem o acesso à voz e, portanto, autoridade e legitimidade para se expressar, tanto para falar de si como do outro. Por outro lado, a marginalização é marcada pelo silêncio de grupos que não tem direito de si expressarem e se auto representarem e são descritos e representados por outros. "Quase sempre expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo subalterno lhe é roubada ainda a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor" (DESLCASTAGNÈ, 2002, p.38).

Por sabermos que na literatura as representações são dadas de modo que interesses e ideologias sociais se misturam, convém colocarmos em questão a representação, uma vez que haverá momentos em que pessoas ou grupos podem ser representados sem prejuízo, porém em outros a representação seria desproporcional. Tomamos como exemplo os argumentos de Anne Phillip

> [...] é concebível que homens possam substituir mulheres quando o que está em questão é a representação de políticas, programas ou ideais com os quais concordam. Mas como um homem pode substituir legitimamente uma mulher quando está em questão a representação das mulheres *per se*? É concebível que pessoas brancas substituam outras, de origem asiática ou africana, quando está em questão representar determinados programas em prol da igualdade racial. Mas uma assembleia formada só por brancos pode realmente se dizer representativa, quando aqueles que ela representa possuem uma diversidade étnica muito maior? Representação adequada é, cada vez mais, interpretada como implicando uma representação mais correta dos diferentes grupos sociais que compõem o corpo de cidadãos. (ANNE PHILLIPS, 1995 Apud DELCASTAGNÈ, 2007, p.20).

Pensando por este ângulo é pertinente ressaltarmos que "o que se coloca não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais". (DELCASTAGNÈ, 2002, p.34), ou seja, as representações de determinados grupos sociais nos contextos literários em muito tem se distanciado da verdadeira essência destes grupos e o que se apresenta são estereótipos que deformam e contradizem a verdadeira personalidade do ser ou grupo representado. Deste modo, a forma estigmatizada com a qual personagens

femininos e negros têm sido representados na literatura ganham espaço e legitimidade de modo que a sociedade passa a ver as pessoas que compõe estes segmentos como os estereótipos os representam.

Segundo Bernd (1984, p.11) "o estereótipo parte de uma generalização apressada: torna-se como verdade universal algo que foi observado em um só individuo". O estereótipo é, portanto, um conjunto de ideias e conceitos preconcebidos que procedem de uma generalização e induzem a classificar pessoas ou grupos sociais e quase sempre esta classificação está associada ao preconceito.

Na literatura brasileira é notória a pequena participação de representantes do grupo feminino e negro tanto na criação literária propriamente dita, quanto nos personagens que compõem seus enredos. Percebemos que estes grupos quando estão presentes na literatura como personagens, quase sempre estão em forma de estereótipos e, quando escrevem, sua escrita assume a posição de escrita marginalizada. Assim, a literatura nem sempre representa os grupos sociais que compõem a nação e sim uma parcela pequena, que confere junto ao cânone literário a autoridade, legitimidade e o acesso à voz.

O fato de sermos uma nação marcadamente heterogênea e não vermos essa heterogeneidade representada na literatura nos provoca uma indagação: por que determinados grupos sociais são invisibilizados ou tratados com inferioridade na literatura?

A invisibilidade ou o estereótipo de determinados grupos sociais não ocorre somente no campo literário, mas estende-se aos vários âmbitos da sociedade "As classes populares possuem menor capacidade de acesso a todas as esferas de produção discursiva: estão sub-representadas no parlamento (e na política como um todo), na mídia, no ambiente acadêmico". (DELCASTAGNÈ, 2002, P.35) e isto contribui para a subalternização desses grupos na sociedade e nas produções literárias.

O que possibilita a invisibilidade ou o tratamento inferior de alguns grupos sociais na literatura é o sentimento de preconceito, que embora camuflado, permanece forte no Brasil. Ao analisar indivíduos negros e brancos em várias dimensões, torna-se perceptível que na maioria das vezes estão em posições desiguais, em relação à oportunidade. Embora se tenha pregado uma democracia racial, o que vemos é que os negros em muitos segmentos da sociedade são minoria, portanto, a democracia que se pregou se configurou com uma falsa democracia racial posto que,

> Somos, de fato, filhos de três raças. E nossa sociedade foi esculpida por três culturas bem distintas. Mas a "Democracia Racial" [...] é uma fábula. Sendo assim, essa 'Democracia Racial' não é um troféu que devemos

> erguer com orgulho, não é verdadeira, ainda é uma construção ou, para os mais pessimistas, um sonho. (FREYRE, 1999, p. 567).

Assim, a concreta democracia racial ainda está para se fazer, tanto nas esferas sociais como nas esferas literárias. Na literatura muito ainda precisa ser feito para que o escritor adquira espaço e visibilidade independente da cor e do sexo que ele tenha. Não importa se mulher ou homem, se branco ou preto, que o mérito seja dado a obra, a escrita, ao autor ou autora que o mereça. Como o mérito dado a uma escrita e autor perpassa pelo julgamento de valor dos críticos literários, é necessário que estes abandonem o pensamento arcaico de que o bom autor tem quer ser do sexo masculino e branco, que a boa escrita procede somente das mãos dos doutores das letras, para que livros significativos como **Quarto de Despejo** e autores importantes com Carolina Maria de Jesus consiga um lugar na literatura da mesma forma que os livros e autores renomados.

Não é difícil notar que a classificação de uma escrita literária como clássica ou marginal depende da análise que esta sofre frente ao olhar avaliador dos críticos literários e que estes últimos contribuem para determinar se uma obra será canonizada ou marginalizada. Portanto, a classificação e seleção de obras é um espaço polêmico, pois julgamentos de valores estão ali inseridos, e ao mesmo tempo é um espaço escorregadio, visto que todo julgamento de valor centraliza-se em princípios e ideologias e cada pessoa distintamente os possui.

É nesse espaço polêmico e escorregadio de canonização de algumas umas obras literárias e, de marginalização de outras, que propomos situar a escrita de Carolina Maria de Jesus no livro **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada.

Como já sinalizamos anteriormente, a escrita de Carolina de Jesus não foi inserida no cânone literário brasileiro, uma vez que não apresentava as características exigidas pela crítica literária, pois esta privilegia as produções desenvolvidas por homens brancos que utilizavam a língua padrão. Carolina de Jesus é o oposto de todos os requisitos exigidos. É mulher, negra, favelada, mãe solteira e semianalfabeta, logo não dominava a linguagem padrão exigida pela crítica literária. Sua escrita, portanto, foi situada fora do cânone, fato que nos conduz a classificá-la como uma escrita marginalizada. Carolina pertencia a um grupo étnico que sempre ficou a margem, pertencia ao sexo marginalizado e sua condição social é uma das menos visibilizadas. Além de tudo isso, ela não teve oportunidade para alcançar um alto grau de escolaridade. A soma desses elementos concretizou a imagem de marginalização de Carolina Maria de Jesus.

Ainda que na condição de marginalizada, Carolina foi uma das primeiras escritoras negras brasileiras de sucesso editorial. Este sucesso emergiu em um momento histórico totalmente adverso. Referimo-nos aos anos de 1960, período em que o ambiente das letras era pouco acessível até mesmo para as mulheres brancas de uma posição social mais elevada e para uma negra muito mais. Assim, a emergência de uma mulher negra e favelada no ambiente literário foi um marco, uma grande novidade. Na emergência dessa mulher favelada e negra, as vozes até então silenciadas, ganham espaço, pois quem fala é a mulher negra moradora da favela que descreve seus dilemas, sua rotina e seus sonhos. As representações dos grupos (feminino e negro) há muito marcadas pelo estereótipo cedem espaço para uma representação próxima da realidade, visto que Carolina mostra a real situação em que ela e seus companheiros de infortúnio viviam, o que sentiam e o que pensavam. Com Carolina, o negro deixa de ser o objeto usado e conduzido para realizar desejos alheios e passa a ser um sujeito que batalha para satisfazer suas necessidades, que pensa, argumenta e critica. Assim era Carolina de Jesus, a mulher negra e favelada que criticava, argumentava, trabalhava para alcançar seus objetivos. Além disso, a legitimidade da escrita de Carolina de Jesus advém do fato de que quem se expressa no livro (a protagonista) é a mesma que vive diariamente a circunstância e a consequência de ser pobre, favelada e mulher, ou seja, nada é criado ou imaginado e sim relatado de experiências vividas diariamente. São os relatos de vida que são apresentados ao leitor, é como se uma autobiografia de Carolina fosse apresentada a quem que lê o livro **Quarto de Despejo**.

A escrita de Carolina de Jesus não foi inserida no cânone por não apresentar os critérios exigidos. Se a produção de Carolina não se encaixava nos requisitos e não pertence ao cânone literário brasileiro, então como devemos classificá-la? Devemos classificá-la como literatura negra? Como uma escrita marginalizada? Como uma escrita deslocada literariamente?

2.2 Negritude e Literatura Negra

> Atualmente, é sem dúvida o discurso literário o espaço literário da restauração da identidade, da reapropriação de territórios culturais perdidos. Sentindo-se como o guia, o condutor de seu grupo [...] (BERND, 1984, p.50).

A literatura tem sido um instrumento usado para reivindicar as identidades perdidas ou negadas. Por um longo período as classes subalternas e grupos específicos, como os negros,

por exemplo, veem suas identidades marcadas por estereótipos, e o espaço literário tem sido utilizado por estes grupos para reivindicar essa identidade perdida e apresentar uma imagem mais próxima da realidade refutando assim os estereótipos e reafirmando as raízes e tradições dos mesmos. Nesse processo de reafirmação de identidade, a negritude ganha um novo espaço, um novo significado e um novo valor.

Mas, o que é a negritude? Será um termo que caracteriza a cultura dos negros? Será um movimento social do qual participa o indivíduo da etnia negra? Será um modo de ser e de se comportar do povo negro?

Em **Negritude e Literatura**, Zilá Bernd (1987) apresenta alguns conceitos para o termo negritude. Primeiro com base na classificação do dicionário de língua portuguesa, ela apresenta a negritude como o estado ou condição das pessoas de raça negra. Em seguida, apresenta a negritude como uma ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, verificada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura ocidental. É o que a autora define como negritude com "n" minúsculo, pois refere-se a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação e consequente reação pela busca de uma identidade negra. Posteriormente, Bernd (1987) define a negritude como um movimento pontual da trajetória da construção de uma identidade negra, dando-se a conhecer como um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro (*nègre* de sentido pejorativo por *noir*, considerada menos agressiva) dando lhe um sentido positivo. É o que a autora definiu como Negritude com "N" maiúsculo. (Cf. BERND, 1987, pp. 27, 28). Temos, portanto, dois termos: negritude e Negritude cada um com sua especificidade, mas que se completam mutuamente, visto que os movimentos da Negritude foram resultado do sentimento de negritude que pulsava em cada uma das pessoas que lideraram e fizeram notório este movimento.

A Negritude tem a sua origem nos movimentos culturais protagonizados pelos negros que reivindicavam e lutavam em busca de uma revalorização das raízes culturais africanas. Os precursores desse movimento foi um grupo de estudantes negros de Paris, representados por Aimé Césaire, Léon Damas e Leopoldo Sédar Senghor que juntos se posicionaram contra o que Césaire denominou de "atmosfera de assimilação onde o negro tinha vergonha de si próprio". (cf BERND, 1987, p. 28). Visavam com este movimento construir e auto afirmar uma identidade negra e rejeitar os padrões das artes e da política colonialista europeia.

E no Brasil houve ou há um movimento da Negritude?

Segundo Bernd (1987, p. 36) “A busca de afirmação do ser negro sempre existiu no Brasil como vem comprovando a nossa moderna historiografia, disposta a rever os pontos de vista tradicionais interessados em propagar uma imagem submissa do negro”. Como exemplo do movimento da Negritude brasileira, podemos citar: a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN), este último objetivava desconstruir o complexo de inferioridade do negro que na literatura sempre protagonizou o vilão ou o subalterno nunca assumindo o papel de herói. Além disso, o TEN tinha como foco valorizar a cultura africana. Na verdade esses movimentos assim como aquele que iniciou na França, representada pelo grupo de estudantes, também se configurou com uma recusa da assimilação cultural europeia e buscou construir e auto afirmar a identidade e a cultura negra.

A negritude, portanto, é o movimento que dá respaldo para o surgimento de uma literatura negra, pois na medida em que os indivíduos negros se recusavam a assimilar os modelos e padrões de outras civilizações, iniciaram manifestações que buscavam enfatizar sua própria cultura e assim surgem as primeiras produções literárias que davam voz e valorizavam a cultura negra. Essas produções caracterizou o que conhecemos como Literatura Negra.

2.3 Literatura Negra

A literatura negra apesar de ser uma produção marginalizada tem um lastro, uma autenticidade, uma história que a sustenta. Ao contrário de uma produção marginal que tem a margem como única referência, a literatura negra tem por referencial o status de negra, uma produção peculiar que relata a história do povo negro buscando resgatar a cultura e o modo de ser do indivíduo negro visto que por muito tempo esse grupo social foi apresentado com base em estereótipos.

Domício Proença Filho, em seu texto “**A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira”,** ressalta que por um longo período da nossa história literária a presença do negro era marcada por estereótipos que iam desde o ser passivo, dócil que vence pela força do seu branqueamento, a exemplo de Isaura no livro **A Escrava Isaura** de Bernardo Guimarães, até o personagem objeto de idealização e pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista, como verificamos nos versos do poema “**Navio Negreiro”** de Castro Alves, poeta romântico. (cf. PROENÇA FILHO, 2004, P. 2-3).

Alguns escritores renomados, a exemplo de Castro Alves, só para citar o mais representativo, escreveram e falaram da condição do negro e do trabalho escravo a que este era submetido. Em decorrência disso, temos em Castro Alves um representante da Literatura

Negra? Seria ele um escritor que buscava por meio de sua escrita reafirmar a identidade do negro e valorizar a cultura africana dando assim início e visibilidade a uma Literatura Negra?

Não podemos afirmar que Castro Alves e os demais, que relataram a luta do povo negro, escreviam literatura negra visto que se analisarmos atentamente veremos que a escrita desses autores atribuía ao negro uma identidade baseada em estereótipo. Esse tipo de escrita era baseada em estigmas que se configuram

> [...] falsa poesia negra' na medida em que produz e reforça estereótipos negativos e visões preconceituosas sobre o negro. Era, pois uma poesia 'branca' a respeito de temas negros, porque escrita em linguagem 'branca', constituindo-se em grande parte, em um exercício de auto lisonja dos escritores brancos que enfatizavam o quão importante é ser branco. (BERND, 1987, p.70)

A literatura negra não tem como base a estigmatização. Pelo contrário, busca uma linguagem que desfaça a imagem distorcida do negro por muito tempo apresentada pela elite literária, visando como isso afirmar e reivindicar a identidade que foi sufocada e rejeitada por muitos séculos, buscando promover assim uma passagem do negro da condição de objeto para sujeito da história.

> Considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185).

Deste modo, a literatura negra seria aquela "que se propõe a desconstruir o mundo nomeado pelo branco e erigir a sua própria cosmologia. Seria, em suma, uma literatura disposta a romper um contrato de fala vigente e a buscar uma dicção nova dentro do contexto literário". (BERND, 1987, p. 18).

Ao falarmos de literatura negra muitas indagações surgidas há bastante tempo são suscitadas, uma vez que por um longo período da história brasileira não havia um consenso do que seria esta literatura e quais as suas peculiaridades. Seria uma literatura escrita por negros? Ou seria uma literatura que trata do negro?

Ressaltamos que ao classificarmos uma literatura como negra não se está levado em consideração somente a cor da pele do escritor, pois uma literatura não assume status de "Negra" simplesmente pelo fato de ser escrita por negros, uma vez que, como afirma Bernd (1987, p.151), "[...] não é preciso ser negro para escrever poesia negra. É preciso, entretanto,

situar-se como negro para que a poesia possa exprimir-se com uma dicção própria, reveladora de uma intenção negra". Portanto, o conceito desse tipo de literatura não está preso à etnia ou a cor da pele do autor, mas essa literatura emerge quando a evidência textual consiste no enunciador que se auto intitula negro e vivenciou os dilemas e dificuldades do cotidiano do ser negro.

Os escritores da literatura brasileira, a exemplo de Castro Alves e tantos outros, não se colocaram a falar do negro situando-se como tal, mas antes o observando. Logo uma visão de fora que consequentemente não poderia expressar a essência do ser representado. É o que Proença Filho (2004) chama de visão distanciada do negro.

> A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161).

Sob esta perspectiva, Castro Alves elabora uma narrativa poética sobre o negro baseada em uma visão não de quem vive e convive a rotina do ser negro e sim de alguém que apenas observa de fora esse indivíduo e coloca-se a falar sobre. Sendo assim, Castro Alves tornou-se porta-voz da causa negra, criticando a permanência da escravidão no Brasil. O poeta defende a libertação dos escravizados por motivos humanitários, todavia,

> [...] não consegue escapar do estereótipo, se ele não dá voz ao negro, mas se comporta como um advogado de defesa que quer comover a plateia e provar a injustiça da situação que denuncia, tenhamos presente, entretanto, que é ele quem assume, na literatura brasileira, o brado de revolta contra a escravidão, abre espaços para a problemática do negro escravo. (Proença Filho, pp. 64-65).

Portanto, seu olhar literário parte de um olhar de fora, não de quem viveu e foi afetado pelo regime escravocrata, mas de quem apenas observou esse acontecimento e denunciou poeticamente. Isso fica patente em seu poema "**Navio Negreiro"** em que o negro é mencionado em terceira pessoa e o eu-enunciador nunca aparece com a voz do oprimido;

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...

Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

(ALVES, 1977.)

Não podemos esquecer que a literatura negra tem como base uma escrita que objetiva resgatar a memória, que busca retratar a vida e os sentimentos do negro perante o mundo, dando visibilidade a cultura e aos costumes que lhes são próprios. Consequentemente, ela possibilita uma ruptura dos contratos que regem a fala e escrita mencionados pelos escritores brancos, e uma auto afirmação de novas formas de expressões no âmbito literário. Logo, esta literatura tenta, na medida do possível, preencher lacunas deixadas pela literatura "branca" sobre as questões de identidade negada na qual os negros tiveram que assimilar a cultura dominante.

> A poesia negra viabiliza o trânsito de uma condição de alheiedade, caracterizada por uma situação em que 'as bases do mundo e do ser se desvanecem', para a condição em que a consciência se reconstrói e na qual o poeta se institui pela linguagem. Pela poesia, desvenda sua auto-imagem, buscando transcendê-la através da reconquista de sua fala. (BERND, 1987, p. 151)

Observando que a maioria das produções literárias brasileiras assim como as acima mencionadas apresentavam personagens negros por uma ótica que se distanciava da realidade, atribuindo-lhes características estigmatizadas e ainda que as próprias produções tinham como autores, geralmente homens brancos e consagrados pelo cânone, foram organizados

movimentos sociais e culturais que visavam reivindicar a identidade nega e a partir desses movimentos alguns, indivíduos negros começaram a escrever tentando com isso apresentar uma imagem mais próxima da realidade e mostrar aos leitores a verdadeira essência do ser negro. Dessa tentativa surgem movimentos que dariam maior visibilidade à Literatura Negra. **Os Cadernos Negros** são exemplos dessa literatura de resistência que busca apresentar uma nova imagem do negro na literatura reafirmando e valorizando a identidade e a cultura deste.

Como representantes da literatura negra contemporânea no Brasil, podemos citar: Cuti, Jamu Minka, Miriam Alves, Ele Semog, Carlos Limeira, Eduardo Oliveira, Oswald de Camargo, Oliveira Silveira e Paulo Colina. Todos engajados numa luta ideológica cujo objetivo maior é apresentar no campo literário a verdadeira identidade negra que sempre foi apresentada de forma estigmatizada. Na verdade, o que sintetiza a literatura negra e a particulariza é a conscientização de uma negritude que envolve o escritor e o conduz a defendê-la.

Na medida em que indivíduos negros não se viam representados na literatura brasileira consideraram a importância de escrever suas próprias produções literárias para trazerem a tona suas verdadeiras identidades, suas essências, suas origens, suas idiossincrasias, para resgatar a negritude esmagada e silenciada na escrita dos autores brancos da literatura brasileira. A esse respeito, Zilá Bernd (1987, p.21) afirma que "os grupos negros brasileiros estão justamente empenhados em resgatar uma história negra, em recontá-la a partir de outra ótica que não a do dominador, que nunca descuidou de opacificar a participação do negro na história desse país".

Para fazer notório esse novo discurso, essa nova história do povo negro, necessário seria o reconhecimento da negritude que o envolve, negritude aqui entendida como o reconhecimento e conscientização de uma situação de dominação e discriminação, a busca incessante de exaltação da identidade negra. Nesse sentido, Bernd (1987, p. 148) afirma que: "no contexto brasileiro, apesar de não ter havido um movimento pontual de negritude, a consciência do ser negro, que consideramos negritude lato sensu, foi se consolidando na literatura".

Os **Cadernos Negros** são exemplo de consolidação da negritude na literatura, pois os poemas ali reunidos apresentam um "discurso que dá voz aos homens invisíveis, isto é, àqueles que foram e continuam sendo marcados apenas pelo que tem de superficialmente visível: a cor da pele." (BERND, 1987, p.133). A negritude que emerge nos discursos desses Cadernos é resultado do esclarecimento e posicionamento de indivíduos que se veem e se querem negros, que se orgulham de pertencer a esta etnia.

Diante disso, podemos questionar: Há nos relatos do diário de Carolina de Jesus a presença de um discurso da negritude? Como a negritude emerge nos relatos desse diário?

Em Carolina de Jesus nos deparamos em meio a um discurso que enfatiza uma consciência de um ser que se quer negro e que desta forma se reconhece perante a sociedade, atitude de uma pessoa que pertence a raça negra e se orgulha dessa condição. “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:- É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico”. (JESUS, 1997, p. 58).

Carolina de Jesus afirmava e reafirmava seu pertencimento à raça negra. Seu perfil era do tipo que se reconhecia tal como era e não se envergonhava de sua condição. Mesmo sofrendo preconceito ela pontuava nas confissões que gostava de sua cor e assinalava que era negra e sempre seria e se outra vida existisse além daquela, ainda assim, negra desejaria ser. “Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta" (JESUS, 1997, p. 58)

É conveniente esclarecer que Carolina não se apresentou como escritora de uma literatura peculiar que visava defender as causas e as ideologias da negritude. Ela “pertencia, portanto, filiada a um universo distanciado do campo literário afro-brasileiro. No entanto, nos deixou registros em que, a seu modo, questiona as mazelas do racismo.” (SILVA, 2008, p. 82). Uma vez que Carolina de Jesus não estava filiada à literatura afro-brasileira e por não pertencer a literatura canônica, como então classificar sua escrita?

2.4 Uma Literatura Fronteiriça

Como vimos anteriormente, a literatura negra tem como base uma escrita cujo objetivo é resgatar a memória buscando retratar a vida e os sentimentos do negro perante o mundo, além de valorizar a cultura e os costumes próprios do negro. Diante disso, entendemos que a escrita de Carolina de Jesus não apresenta todas as características dessa literatura visto que não detectamos nas confissões dessa autora uma tentativa de por intermédio da memória resgatar e dar visibilidade aos sentimentos do povo negro, bem como de sua cultura e costumes. Não havia um interesse de Carolina em defender em seus escritos as mesmas causas defendidas pelo grupo da literatura negra. Embora tivesse sido procurada algumas vezes pelos representantes de movimentos negros, ela não tinha a pretensão de participar do grupo e recusou o convite.

Da mesma forma que não demonstrou interesse em se engajar em grupos, até porque Carolina exercia uma escrita sem pretensão de revolucionar a cena literária, apenas visava conquistar uma condição de vida melhor e sair da favela, ela não sabia, nem pretendia alcançar o sucesso que alcançou com seu livro **Quarto de Despejo.**

> A autora de Quarto de despejo, embora tenha participado de eventos promovidos por lideranças negras não se engajou no movimento negro. Também não obteve o reconhecimento no campo da literatura hegemônica [...] a poetisa negra' foi, portanto, uma outsider. Viveu enquanto cidadã à margem da economia e da cultura urbana dominante. Seus escritos ocupam uma posição marcada por uma dupla exclusão. Por isso o rótulo de literatura marginalizada talvez lhe seja mais adequado (SILVA, 2008, p. 79).

Apesar de Carolina não querer participar de grupos, sua escrita foi classificada como literatura negra, pois se trata de uma escrita realizada por uma mulher negra que relata a dificuldade de ser negra e favelada em uma sociedade preconceituosa. Todavia, apesar de apresentar essas características que nos permite associar a escrita dessa mulher à literatura negra, as outras características próprias dessa literatura, tais como: a valorização da cultura africana, a busca de uma identidade negra não são encontradas nos relatos de Carolina de Jesus, fato que nos permite classificá-la, também, como uma escrita marginal.

> A expressão literatura marginal serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como "marginais". (NASCIMENTO, 2006, p. 8).

A escrita de Carolina se adequa a essas características de literatura marginal tendo em vista que não foi inserida no cânone por apresentar aspectos divergentes daqueles fixados pela crítica literária, a própria autora é oriunda de uma classe social marginalizada e o seu livro tem como temática principal a favela e seus moradores, logo um espaço e sujeitos tidos como "marginais", características típicas de uma literatura marginal como sintetizou Érica Peçanha do Nascimento.

O livro de Carolina de Jesus, portanto, por apresentar algumas características da literatura negra e outras da literatura marginal pode ser classificada como uma produção fronteiriça.

Por ser uma literatura fronteiriça, temos uma segunda característica dessa escrita - o deslocamento. No dicionário Houaiss, o termo deslocar é apresentado como sinônimo de (fazer) sair das juntas, desarticular (se), mudar, afastar. Logo, o deslocamento é característica dessa obra que mesmo apresentando alguns aspectos da literatura negra tem outros que a afastam desse tipo de literatura nos permitindo associa-la a outra linha da produção literária – literatura marginal.

O deslocamento não é uma característica somente da escrita, mas também da própria Carolina de Jesus. Se observarmos as confissões que compõem o livro, **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada, veremos que Carolina de Jesus se apresenta como moradora da favela do Canindé, mas morar ali lhe provocava os piores sentimentos, ela tinha aversão por aquele ambiente e pelas pessoas que ali habitavam, " [...] Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha" (JESUS, 198712). Sentia-se deslocada, aquele não era o seu lugar, precisava sair, mas não tinha condição financeira para isso. Frequentemente ela declarava "[...] oh! Se eu pudesse mudar daqui para um nucleo mais decente." (JESUS, 1987, p. 10).

Após a publicação do livro, Carolina de Jesus teve a oportunidade de sair da favela e frequentar outros ambientes. Porém, mais uma vez veremos através das anotações da autora no livro intitulado **Meu Estranho Diário** que nesses espaços, entre os intelectuais ela continuava com a sensação de deslocamento. Ainda que estivesse onde sempre quis estar, entre a elite letrada e longe da favela, no entanto, não se sentia bem nesse ambiente, em meio a essas pessoas, o desejo que tinha era sair dali para outro lugar onde pudesse enfim se encontrar.

> Dia 19 eu fui na festa da escritora Clarice Lespector que ganhou o premio de melhor escritora do ano com seu Romance "Maça no escuro". A recepção foi na residência de Dona Carmen Dolores Barbosa. Tive a impressão de que a

> Dona Carmen não apreciou a minha presença. Eu fiquei sem ação. Sentei numa poltrona e fiquei.
> As madames da alta sociedade iam chegando. E eu cumprimentava (...) graças a Deus não fui fotografada. Já estou saindo dos noticiários. Não compareci na sala onde Clarice estava. Não a vi. Não lhe cumprimentei. Serviram refrescos e comestíveis as 23 horas. Retornei a casa pensando no dinheiro que gastei pintando as unhas e pagando conduções. Dinheiro que poderia guardar para comprar o pão e o feijão para os meus filhos. (Jesus, 1996, p. 201).

O sentimento de deslocada é frequente do princípio ao fim dos relatos do Livro **Quarto de Despejo**. Quando estava na favela, este sentimento era percebido pela atitude de Carolina de Jesus de não se aceitar como pertencente àquele cenário, pelo enorme desejo que tinha de sair dali e pelo repúdio que tinha dos vizinhos favelados. Ao sair da favela, frequentar outros espaços e conhecer outras pessoas o deslocamento provinha do sentimento de estar em um lugar que embora fosse outrora almejado, não era condizente como sua condição social, e com seus hábitos, por isso Carolina era ignorada pelas pessoas que ali estavam, fato que a fazia sentir-se como uma estranha em meio a um ambiente igualmente estranho. Diante disso, como Carolina de Jesus lidava com o espaço que ela habitava? Qual a relação entre os espaços frequentados e a condição de marginalização a qual era submetida?

3 CAROLINA DE JESUS E O DISCURSO DA EXCLUSÃO.

Uma obra é constituída por vários elementos: enredo, tema, personagem, tempo, espaço, etc. Há quem diga que o espaço é entre estes, o de menor relevância, pois segundo essa concepção, este não exerce grande influência no desenrolar da trama e na essência da produção literária. Contudo, há aqueles que o consideram um elemento tão importante quantos os outros, pois pode ser decisivo para a produção de sentido e a particularidade do que se narra ou descreve. Corroborando essa afirmação, Antônio Dimas (1987, p.5) assinala que "entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa". Assim, cabe ao leitor perceber as singularidades deste elemento e sua função na obra, uma vez que a visão geográfica apresentada pelo autor é remodelada pelo olhar do leitor. Se o escritor descrever um lugar como sombrio e sujo, quem o lê, além dessa percepção pode agregar a ele outros adjetivos, isso torna o espaço literário como algo passível de interpretações.

Refletir sobre o espaço literário é nos reportar ao cenário da trama e visualizar paisagens, cores, personagens, avenidas, e outros elementos. E, em determinadas obras isso é fundamental para as compreendermos.

O termo espaço nos leva a pensar em ambientes específicos como a rua, a praça, a casa, por exemplo, e a esta última é habitual associarmos a descanso, conforto, segurança, proteção. Sob esta perspectiva, podemos analisar o cenário que é descrito no **Quarto de Despejo,** especialmente a casa, o barracão, a favela percebendo sua singularidade e importância para a narrativa.

O espaço descrito no livro é a favela do Canindé e, em contraposição a ela a ruas do centro paulista. "Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo". (JESUS, 1997, p. 33). A narrativa do livro se constrói da repulsa de Carolina de Jesus por aquele ambiente e seus moradores. Todo movimento da autora-personagem e a escrita de **Quarto de Despejo** são motivados pela degradação do ambiente que fazia nascer na autora-personagem uma aversão por aquele lugar. Portanto, a relação de Carolina com o referido espaço era marcada pela indignação, pelo desgosto, pela tristeza de estar ali e não poder sair. Temos, assim, uma relação direta entre a trama, o personagem e o espaço. "O que tende em geral a ocorrer é que o espaço progrida a ação; que a personagem transforme em atos a

pressão sobre ela exercida pelo espaço". (LINS, 1976, p.100). É fácil perceber que muitas das ações de Carolina de Jesus eram decorrentes da pressão que a favela lhe submetia. "Surgiu a noite. As estrelas estão ocultas. O barraco está cheio de pernilongos. Eu vou acender uma folha de jornal e passar pelas paredes. É assim que os favelados matam mosquitos". (JESUS, 1997, p. 27) Assim, o espaço ganha em **Quarto de Despejo** uma importância sumária, pois ele dá a essência que o enredo precisa para ser autêntico, com sentido, visto que é a narração na e sobre a favela que torna este livro diferente em relação ao acervo da literatura brasileira.

Lins (1976, p. 100) acrescenta que "Há espaços que nos fala sobre a personagem, há também o que lhe fala, o que a influência". Toda a escrita de Carolina de Jesus é influenciada pelo ambiente da favela, o que a impulsionou a escrever foi justamente o cenário degradado que ela observava no seu cotidiano e o desejo que tinha de habitar em um espaço mais aprazível. Diante disso, passou a descrever no seu diário a favela do Canindé com um ambiente desestruturado, que degrada o sujeito. Em suas confissões Carolina dizia que a favela era a

> Sucursal do inferno, ou o próprio inferno [...] um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. (JESUS, 1997, p.145, 42).

Além dessa descrição. veremos, em várias partes do livro, outras que são motivadas ou influenciadas pela imagem da favela. Este é o espaço concreto, visualizado diariamente, sentido e tocado pela personagem, ambiente que em vez de proporcionar a sensação de estar na segurança e aconchego do lar, transmitia tristeza, nojo. "Eu estou com nojo de retornar a favela. Mas preciso voltar." (JESUS, 1997, p.140). Em oposição a este lugar palpável que provocava sensações ruins, nascia, no imaginário de Carolina de Jesus, o ambiente idealizado que trazia alegria, conforto, paz, referimo-nos, a casa de alvenaria que ela tanto desejava possuir. "Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E que eu tinha tudo [...] eu dizia para o João: Agora podemos dar um ponta pé na miséria. E gritei: vai embora miséria! (JESUS, 1997, p.162).

Diante da utopia desse espaço imaginado, a casa de alvenaria, podemos atribuir novo sentido ou função para o espaço literário nesse livro: o de situar a personagem. Osman Lins (1976. P. 101) sinaliza que "as funções habituais do espaço não se reduzem a influenciar a personagem ou a contribuir para a sua caracterização: destina-se, muitas vezes, exclusivamente a situá-la". Assim, a casa de alvenaria situaria Carolina com um ser deslocado

que não se reconhecia como pertencente à favela e por isso, sonhava com um outro ambiente, a casa de alvenaria.

Diante do desejo de comprar uma casa, revelado pela personagem, podemos pensar a importância da casa para o ser humano. Ela é o lugar do descanso, onde finalmente podemos gozar de uma tranquilidade que outros locais não nos permitem. Mas para Carolina, o local que ela habitava na favela não proporcionava essa sensação, aliás nem de casa ela nomeava sua moradia e quando por descuido a chamava assim, logo se corrigia acentuando que não se tratava de uma casa e sim de um barracão. "Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão [...] quando eu digo casa, penso que estou ofendendo as casas de tijolo" (JESUS, 1997, pp.42, 49).

O fato é que em vez de ser o ambiente de aconchego que proporciona proteção e descanso, a casa era para Carolina de Jesus um barracão sujo, sem conforto, sem o mínimo de estrutura para abrigá-la. "voltei para o meu barracão imundo. Olhava o meu barraco envelhecido. As tabuas negras e podres [...] o barraco está muito sujo. Eu vou limpá-lo. Varri o assoalho e as teias de aranha. (JESUS, 1997, p. 150, 154).

Percebemos claramente que a casa passa de um lugar agradável, de descanso e intimidade para adquirir, nas confissões de Carolina, um aspecto feio, degradante, sujo que priva a moradora de usufruir do aconchego do lar.

Além do espaço da casa, é possível descrever a cidade pelo olhar de Carolina de Jesus como uma São Paulo de ruas bonitas, casas com vasos de flores, mulheres e crianças bem vestidas. "Quando eu seguia na Avenida Cruzeiro do Sul ia uma senhora com um sapato azul e uma bolsa azul. A Vera me disse: Olha mamãe que mulher bonita! (JESUS, 1997, p.32). Mas do outro lado da cidade, um retrato diferente: ruas degradadas, pessoas maltrapilhas, lixo e mais lixo, lama e muita fome, "eu fico condoída vendo as crianças pisar na lama (...) percebi que chegaram novas pessoas na favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas". (JESUS, 1997, p. 41) , era a favela do Canindé, ambiente habitado por Carolina e muitos outros favelados. Esse lugar era decisivo para marcar a exclusão social das pessoas que nele viviam. Por viver num lugar assim, muitos desejavam sair dali e respirar novos ares. Com Carolina não era diferente, o desejo de se ausentar e não voltar mais para favela era enorme, tanto que muitas vezes ela idealizou uma nova a casa, um novo espaço, uma nova vida.

A descrição dessas duas realidades distintas, favelas, modo de ser e viver dos seus moradores e as ruas da capital paulista e modo de ser e se comportar de seus habitantes,

enfatiza o que Lins (1976, p. 122) denominou de "espaço social, entendendo-se como tal os costumes, e sua evolução, os valores em curso, a situação dos indivíduos e das classes, a atitude mental da coletividade".

Notamos que em **Quarto de Despejo** nos é apresentado, de forma substancial, dois espaços distintos: o concreto, representado pela favela, e o imaginário representado pela casa de alvenaria que Carolina tanto sonhava possuir. Mas qual a razão que levava esta mulher a não aceitação de estar e viver na Favela? O que a fazia imaginar e desejar outro lugar para morar?

Podemos lançar duas respostas distintas a essas perguntas. Primeiro, sem dúvida, a favela não é o melhor lugar para se viver e as pessoas que ali estavam ficavam por não ter condição de habitar em um espaço mais desenvolvido economicamente, por isso Carolina de Jesus desejava conquistar e desfrutar de uma qualidade de vida melhor daquela que tinha na favela, "eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso. Faz de conta que eu estou sonhando [...] se eu pudesse mudar dessa favela! Tenho a impressão que estou no inferno. (JESUS, 1997, pp.24, 26). Segundo, porque ali, ela era submetida a uma rotina cansativa onde a fome estava quase sempre presente "todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atraz de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada [...] e assim, no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome". (JESUS, 1997, p. 60), diante disso, almejava sair daquela situação degradante que se encontrava e acreditava que só alcançaria tal feito se saísse da favela. O desejo que essa mulher acalentava de conquistar uma condição de vida mais digna a fazia sonhar e imaginar um outro espaço para morar com seus filhos. " O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupa de alto preço, residir numa casa confortável". (JESUS, 1997, p.19).

Outra possível resposta para as indagações acima é a condição de exclusão que o espaço da favela proporcionava. Há espaço que são propensos ao desenvolvimento do sujeito outros são retrato da exclusão social, politica e econômica. Como afirmou Paul Claval (1979, p.15) "o espaço intervém de várias maneiras na vida social e, portanto, no jogo de poder". Basta colocarmos em evidência os dois espaços mostrados por Carolina de Jesus em seu Livro que veremos, de um lado o lugar do desenvolvimento, habitado por pessoas com uma boa condição financeira, "quando estou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso., acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas" (JESUS, 1987, p.76), de outro lado, o lugar da exclusão, habitado por pessoas que não tinham o mínimo de condição para viver com dignidade – Favela do Canindé, "chegou a rádio patrulha, veio trazer dois

negrinhos que estavam vagando na Estação da Luz [...] é fácil perceber que eles são da favela, São os mais maltrapilhos da cidade. O que vão encontrando pela rua vão comendo". (JESUS, 1997, p. 40). Isso corrobora com a afirmativa de que a favela é um lugar de exclusão, espaço de excluídos.

Além do espaço vivenciado, Carolina de Jesus possuía outros indicativos de exclusão, ela era mulher, negra, favelada, mãe solteira e semianalfabeta. Nos anos 50 – 60, do século XX, ser mulher já era motivo para ser afastada de algumas tarefas sociais, o sexo feminino, como assinalado em páginas anteriores, não encontrava espaço para atuar nos âmbitos sociais, restringindo-se apenas as tarefas domésticas. Se a mulher fosse negra, como é o caso de Carolina, a exclusão aumentava, visto que o preconceito impregnado na sociedade não permitia ao negro um espaço no contexto social, privando-o de realizar determinadas atividades e afastando-o das decisões nos domínios sociais.

Essas condições provocavam na escritora sentimentos diversos: orgulho por ser negra, aversão por ser favelada e ainda veremos nela uma mescla entre amor, ódio, dedicação, pavor, resistência sonho. Amor e dedicação pelos filhos; pavor pelo ambiente da favela, resistência de lutar e conquistar uma condição de vida mais digna, o sonho maior que ela acalentava. Mas acima de tudo, essas condições existenciais marcavam a imagem da exclusão de Carolina de Jesus, pois a mulher sempre foi colocada as margens das relações sociais e, se fosse negra, favelada e mãe solteira as margens cresciam distanciando-se ainda mais do centro.

3.1 O Ser Mulher

A condição do ser mulher é inerente à natureza e Carolina não podia mudar essa situação, mas em sua infância desejou não pertencer ao sexo considerado frágil, pois almejava mudar sua vida e percebia naquele período que a mulher não atuava como ser provocador de mudanças, visto que a sociedade lhe negava participação nas decisões sociais. Carolina observava que somente o indivíduo masculino podia intervir como suas ações para uma mudança na nação. Ela chegou a essa conclusão ao verificar ao longo de suas leituras que em um período no qual havia constantes guerras e enfrentamento entre povos, apenas os homens eram escolhidos para lutar em favor da pátria. Como pulsava nela o desejo de mudar sua história e lutar pela sua nação, surgiu também a vontade de ser homem e não mulher, pois na época de infância e juventude de Carolina, décadas de, 20 e 30 do século XX, o sexo feminino

ainda encontrava barreiras para atuar nos espaços sociais, ao passo que ao homem era concedido participar como voz ativa na sociedade.

> Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para a minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os politicos distantes do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. (JESUS, 1997, p. 48)

O início dos 60, século XX, período que situamos a escrita de Carolina, foi um momento no qual as mulheres ainda se viam longe do mundo do trabalho. Embora a sociedade já assumisse novas formas permitindo maior participação delas, essa participação ainda era restrita. Somente nos últimos anos da década de 60 é que há uma presença maior desse público nas esferas sociais, em virtude do período da emancipação feminina.

> A década de 60 costuma ser apontada como um marco nas transformações do caráter da família, em função de uma série de fatores como participação mais evidente da mulher no mercado de trabalho e a emancipação feminina, que resultam em novas formas de organizações familiares. (SALLES; TENO, 2011, p.4)

O público feminino dos anos 60, apesar de vivenciar um período de emancipação, ainda ocupava maior parcela do seu tempo com afazeres domésticos. Trabalhar fora e prover as despesas da família e decidir sobre toda e qualquer questão a nível social ainda era atributo dos homens, a mulher era excluída de muitas dessas tarefas.

Se observarmos o perfil de Carolina de Jesus detectaremos uma característica diferente daquelas das mulheres de sua época. Ela era chefe de família, sobre si estava a incumbência de suprir as necessidades dela e dos filhos em virtude de não ter marido e, portanto, era a única provedora do lar.

Mesmo na condição de mulher, de um período que inviabilizava espaço e oportunidade para as pessoas desse sexo excluindo-as, Carolina de Jesus apresentava uma postura independente, agia e se comportava sem se importar como os conceitos de uma sociedade machista que na maioria das vezes reduzia à mulher ao papel de servidora do lar e da família.

3.2 O Ser Favelado.

O ser favelado era a condição que mais provocava repúdio em Carolina, ela declarou em suas confissões que "o desgosto que tinha era o de residir em favela" (JESUS, 1997, p.19), por isso almejava sair daquele espaço e lutava para que isso acontecesse. Morar na favela e conviver diariamente como as pessoas que ali habitavam era o maior desgosto daquela mulher. Apesar de estar ali ela não se identificava com nada que compunha aquele cenário exceto com as crianças. Ela mesma afirmava que "o seu sorriso, as suas palavras ternas e suaves eram reservadas para as crianças". (JESUS, 1997, p.34). Outro relato do diário corrobora esta afirmativa "Veio a D. Sílvia reclamar contra os meus filhos, que os meus filhos são mal inducados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis". (JESUS, 1997 p.13)

Veremos, nas confissões de Carolina, a favela como um lugar de extrema pobreza, de pessoas que desconheciam as regras de boa conduta social e moral, lugar de fome, prostituição brigas. Porém, apesar de morar ali, ela não desenvolvia o mesmo comportamento dos demais que habitavam daquele espaço, aliás, Carolina pouco se relacionava com os outros favelados, por entender que eram encrenqueiros e por isso optava por ficar distante deles.

Se analisarmos atentamente, perceberemos que em muitas das descrições realizadas no diário, Carolina tratava as pessoas da favela na terceira pessoa excluindo- se do discurso. Isso nos permite entender que de tanta aversão à favela, ela não se reconhecia como pertencente aquele lugar e nem comungava como o comportamento e atitudes dos favelados, por isso esse tratamento em terceira pessoa:

"[...] na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer, todas as famílias que reside na favela tem filhos". (JESUS, 1997, p.30). Carolina não utiliza, nesse relato, a primeira pessoa do plural (nós) como participante do discurso, ela não diz, "nós favelados só comemos quando arranjamos", e sim transmite uma informação usando a terceira pessoa do plural (eles = favelados). Não só nesse trecho, mas em várias passagens do livro veremos os habitantes da favela sendo tratados na terceira pessoa do plural, fato que comunga com a ideia de que Carolina de Jesus não se reconhecia como pertencente daquele lugar, mas encontrava-se de passagem, estava favelada, mas não se reconhecia como tal, estava morando na favela, mas não queria, não gostava, não se sentia bem e buscava dentro de suas possibilidades sair dali.

Observamos nessa postura de Carolina, de não se considerar como pertencente da favela e por isso se afastar dos demais moradores desse espaço, uma exclusão voluntária. Ela mesma se excluía da convivência com seus companheiros de infortúnio e mantinha-se distante deles.

3.3 Ser Negra

Ser negra era motivo de orgulho para Carolina. Mesmo sabendo que o negro era menosprezado e discriminado na sociedade ela se via e se queria negra, tinha consciência de sua cor, de sua negritude e a defendia.

Para exaltar sua negritude, Carolina fazia comparação entre o preto e o branco mostrando que independente de cor todos são iguais e estão sujeitos as mesmas privações e alegrias que a vida pode proporcionar. Todavia, acentuava que o branco em sua pretensão se acha superior ao negro ignorando que a natureza não seleciona ou destaca ninguém em decorrência de cor.

> Se os pretos tivesse chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas nem o branco nem o preto conhece a sua origem.
> O branco é quem diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1997, p.58).

Para mostrar que o branco nada tinha de superior ao negro, Carolina utilizou um discurso simples, mas com exemplo que possibilita ao leitor verificar que esse sentimento de superioridade branca, ou o preconceito não tem uma base lógica e precisa ser suprimido, que tanto branco como negros são simplesmente seres humanos e, portanto, sujeitos aos mesmos processos. Porém, como ela percebia que o discurso da superioridade branca estava, de uma maneira ou de outra, presente na sociedade, mostrava em seu diário exemplos que reforçavam que esta superioridade não tinha nenhuma razão plausível, além do preconceito. Em um momento, nos seus relatos, ela utilizou o tipo de cabelo do negro e do branco para mostrar como é equivocada a maneira como muitos concebem essa particularidade negra – o cabelo "Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo do preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado". (JESUS, 1997, p.58).

Analisando a confissão podemos entender que para Carolina não havia razão da distinção que o branco fazia do negro. Quando ela apresenta a diferença entre o cabelo do negro e o do branco enfatizando que o do negro é mais educado, possivelmente ela questiona a postura de muitos de inferiorizar o negro inclusive seu tipo de cabelo taxando-o como ruim quando na verdade ela percebia uma característica positiva em ter cabelos crespos ou rústicos, disciplinados como ela mesma enfatizou.

A grande questão é que, independente de como a sociedade concebia o negro, Carolina assim se reconhecia - como negra, e essa condição era para ela motivo de orgulho, a negritude que emergia naquela mulher a fazia defender a cor negra e os cabelos rústicos que lhe davam charme e elegância e a tornavam uma mulher bonita.

Verificamos então que das três condições: ser negra, mulher e favelada, somente esta primeira condição, a negritude, desenvolvia um sentimento positivo em Carolina. Ela desejou um dia não ser mulher e sim homem para lutar a favor de sua pátria, ela almejou ao longo se sua vida deixar a favela e com esta sua condição de favelada, mas nunca quis ou desejou ser branca, ela era negra e assim queria permanecer.

Temos, portanto, nessas condições existenciais de Carolina, uma tripla condição de marginalização. Ser negra, mulher e favelada são características que numa sociedade patriarcal, impregnada de valores masculinos e brancos como a nossa, conduzem um indivíduo a margem da sociedade e por extensão de toda esfera de produção artística e literária, são condições que muitas têm vezes contribuem para a exclusão social do sujeito.

Carolina tinha consciência de sua exclusão, sabia que a sociedade tendia reservar as margens para os favelados, negros e pobres. Mas ela desejou conquistar o espaço que era negado, o reconhecimento, a voz que o pobre e favelado não podiam exprimir. Encontrou na escrita um meio de conquistar tudo isso. Por intermédio do seu livro ela se expressou com autonomia, sem medo de repressão, desvendou o universo da favela para o mundo e tornou-se uma escritora revelação conhecida no Brasil e no mundo.

3.4 O Espaço da Favela e a Invisibilidade Social

O ser humano necessita de um espaço para que se sinta protegido e seguro, um lugar para chamar de seu. Nem sempre essa necessidade é atendida em decorrência de fatores sociais e econômicos. E por esses mesmos fatores os indivíduos acabam morando em lugares quase inabitáveis, sem saneamento básico, sem moradias estruturadas, sem lazer, sem

atendimento médico, sem as coisas que são consideradas básicas na vida de uma pessoa, de uma comunidade.

As chamadas favelas nascem da necessidade de onde morar de uma classe desfavorecida que vê na ocupação de terrenos baldios, morros e construção de barracos a única forma de ter um lugar para se abrigar. Mesmo com todas as circunstâncias desfavoráveis que advém desse lugar, os moradores constroem suas casas com pedaços de pau, tábuas, papelões, com os recursos que estão ao seu alcance e veem na favela e nos lixões uma forma de sobreviver, e a sobrevivência, por sua vez, é ameaçada pelas condições impostas por este ambiente- favela.

Já vimos que no **Quarto de Despejo** a autora apresenta ao leitor a favela do Canindé, lugar onde a criminalidade, miséria, doenças e a morte eram frequentes no dia-a-dia das pessoas que ali viviam. Esse espaço torna-se invisível aos olhos dos outros, principalmente aos dos políticos que fingem não vê as mazelas que assolam aquela população e nada fazem para que as coisas mudem. "A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram o que tem o quarto de despejo" (JESUS, 1997, p.) Vale ressaltar que essa invisibilidade ocorre de certa forma não por questões de raças ou etnias, e sim por questões econômicas. Quem ocupa o espaço da favela é a população marginalizada, que não teve oportunidades de estudos ou de trabalho, os excluídos da sociedade.

Em suas confissões, Carolina assim classificou os favelados: "nós somos pobres, vivemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. (JESUS, 1997, p, 48). Nesse relato a autora enfatizava a marginalização que o favelado é submetido e a invisibilidade do espaço representado pelas margens do rio. Todos viam aquele espaço, mas ninguém o enxergava. "Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do Sul está enferma. Com as suas ulceras. As favelas". (JESUS, 1997, p. 84). E outra vez a favela é apresentada nesse relato como o oposto da capital paulista, como o lugar esquecido, ignorado, local da invisibilidade social, da exclusão e da negação dos direitos básicos de moradia, alimentação, educação e saúde.

Por ser de um lugar propenso a invisibilidade, Carolina juntamente com seus companheiros de infortúnio eram consequentemente sujeitos invisibilizados, ninguém queria enxergar a miséria, a fome que envolvia aquelas pessoas. Por esses e outros motivos os moradores negavam pertencer ao espaço, "... Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez: - A senhora está morando aqui? – Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui." (JESUS, 1960, p. 43). A negação de pertencer a favela deve ser

entendida com um conflito entre sujeito e espaço, ninguém quer morar num lugar que muitos ignoram, desprezam, um lugar invisível aos olhos dos outros.

Carolina tem a percepção clara da invisibilidade social dos moradores da favela, não somente em relação as políticas públicas detectadas pela ausência de saneamento básico, do acesso a educação e outros, mas também, nas relações sociais. Isso fica patente, quando Carolina vai fazer algumas compras e é recebida pela vendedora com indiferença, desprezo. "[…] Saí e fui no empório. Comprei arroz, café e sabão. Depois fui no Açougue Bom Jardim comprar carne. Cheguei no açougue, a caixa olhou-me com um olhar descontente. (JESUS, 1997, p132.). Além do olhar de indiferença o qual muitos lançavam aos moradores da favela, o descaso das autoridades por aquele espaço e por seus moradores é explícito nas confissões do diário e, por consequência disso, muitos moradores daquele lugar acabavam indo para o mundo da criminalidade. Todavia, este não é o caso de Carolina de Jesus, que trabalhava diariamente, catando papel para sustentar os seus filhos.

É nesse espaço, a favela, que Carolina, mesmo na condição de mulher negra, favelada e semianalfabeta, excluída de um sistema capitalista e injusto, consegue com seu diário, tornar visível, por meio da escrita, os problemas vivenciados pelos moradores dali. Deste modo, o lugar e os sujeitos invisibilizados tornam-se visíveis, notados por muitos que ignoravam sua existência.

Todos os dilemas vivenciados pelos moradores da favela do Canindé denunciados no diário de Carolina de Jesus, deixou evidente o jogo de faz de conta do poder público perante aqueles moradores, que se viam impotentes para cobrar planos de ação de melhorias de habitação, saúde, distribuição de renda, educação, etc. Contudo, vale ressaltar a importância dessa escritora que conseguiu fazer com que a sociedade visse o (in) visível, a miséria e a pobreza dos moradores da favela do Canindé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de escrita desse trabalho, foram levantados vários questionamentos: Como uma mulher, negra, pobre e favelada conseguiu escrever um diário que viria ser sucesso de vendas? Conseguiu Carolina alcançar seu objetivo, que seria mudar-se da favela e ir morar numa casa de alvenaria? Considerando que ela era uma escritora negra, como a negritude emergia nos relatos do diário?

O estudo detalhado da obra com respaldos teóricos foi imprescindível para constatarmos que a escrita desse diário foi realizada sem a pretensão de alcançar índices de vendas ou revolucionar o espaço literário. A autora, mesmo sendo semianalfabeta, conseguiu dar autenticidade a esses escritos porque escrevia o que vivenciava, suas experiências diárias e as dificuldades de viver na favela, trazendo à tona, relatos e depoimento de uma rotina desconhecida de muitos. Portanto, ela apresentava um livro que discutia um tema pouco conhecido do público leitor. O que a ajudou nesse processo de escrita contínua foi seu hábito e gosto pela leitura, esse comportamento fazia de Carolina de Jesus uma autodidata, característica que a possibilitou escrever um diário com sentido contundente, mesmo só tendo cursado o segundo ano da escola primária.

Ainda que exercitando uma escrita sem pretensões de sacudir o ambiente literário, Carolina sacode este cenário quando o jornalista Audálio Dantas percebe nos escritos repetitivos e misturados desta escritora, a chance de fazer sucesso e alavancar sua carreira de jornalista, publicando, assim, o diário que se tornou um dos livros mais vendidos do Brasil e, consequentemente com o sucesso de vendas, a escritora conseguiu se mudar da favela comprando sua tão sonhada casa de alvenaria.

Vale ressaltar que o livro não era somente relatos da vida de uma favelada. Carolina tratava de temas relevantes, como a pobreza, a invisibilidade social daquele povo, a falta de políticas públicas e as condições sub-humanas que os moradores das favelas viviam. Além de relatar a dificuldade que uma mulher negra e mãe solteira enfrentava em meio a uma sociedade preconceituosa. Contudo, mesmo sofrendo preconceito diante da sua condição de negra, Carolina de Jesus não negava sua identidade e afirmava o orgulho que sentia por pertencer a esta etnia.

A importância da escrita de Carolina de Jesus está, entre outros aspectos, na sua peculiaridade, característica que dificilmente encontraremos em outras escritas, pois não é comum encontrarmos um livro escrito por uma mulher, negra, favelada e semianalfabeta, que

consegue envolver a muitos dos que tiveram a oportunidade de lê-lo. Mesmo com todas as críticas depreciativas que foram lançadas aos escritos de Carolina e do não reconhecimento pela elite literária, temos em **Quarto de Despejo** uma escrita rica de significado, emblemática, pois apresentou de forma inédita confissões e colocou em evidência uma parcela da sociedade que sempre foi ignorada e não reconhecida – a favela. Confissões estas expressas por uma voz que falava com autonomia sem medo de represálias

Em um período onde o país visava prosperidade e desenvolvimento, a favela era esquecida de quase todos, pois praticamente só o favelado conhecia sua realidade: a fome, e a frustação de viver sem o mínimo de dignidade. Nesse cenário, a maioria das produções literárias enfatizava: a exaltação da pátria, a industrialização que começava a adquirir atenção social, a economia, as relações de conflitos e de cumplicidade entre as pessoas, as relações e idealizações amorosas, o sentimentalismo, etc. Mas a favela estava ali e não tinha sido notada, até que Carolina adentra no espaço literário e consegue apresentar por intermédio de seu livro este Brasil desconhecido, mas real - a favela.

O surgimento das favelas no Brasil e especificamente em São Paulo, lugar onde residia Carolina, teve inicio na década de 40 tendo um crescimento acelerado na década posterior (50), período que marca a escrita dos diários que deram origem ao livro **Quarto de Despejo**. Nesse espaço, as pessoas muitas vezes não tinham a seu alcance o mínimo de condição necessária para a sobrevivência e por isso não raro pessoas tanto adultas como crianças morrerem ali mesmo. Episódios como esse e outros tão fortes quanto passaram a ser registrados por Carolina de Jesus que escrevia sobre seu dia-a-dia e dos demais favelados, relatando tudo que acontecia naquele lugar, e esse diário, que posteriormente tornou-se um livro, mostrou para o Brasil e para o mundo a extrema pobreza que rondava as favelas brasileiras, especificamente a Favela do Canindé. Temos, portanto, no diário de Carolina de Jesus uma escrita realista que se utiliza de personagens reais e de situações tão reais quanto para denunciar as mazelas que envolvia o povo favelado.

A maneira realista como Carolina apresentava a favela, nada escondendo, mas descortinando aquele mundo ainda desconhecido e a própria condição de produção, isto é, o espaço da favela, a falta de recursos e a condição da autora fez de **Quarto de Despejo** um livro singular. Tão singular quanto o livro, constituído por uma escrita que muitos consideram fragmentada e fora desviada do modelo padrão, é a sua escritora. Carolina de Jesus, talvez seja a única escritora da Literatura Brasileira que deu forma a um livro tão significativo sem saber ou ter a consciência do que produzia. Todo escritor renomado da nossa literatura modelava seus romances, contos, crônicas, poemas tendo a consciência que produzia

literatura, que seguia uma tendência, um estilo. Mas Carolina, ao contrário, não tinha consciência de que escrevia apenas um diário quando pensava escrever um livro, ela se quer conhecia ou dominava tendências e estilos da escrita literária. Mas esse diário era tão rico de informações e apresentava uma visão sobre o mundo favelado de forma tão autêntica que a pretensão de Carolina de que aquilo era um livro se concretizou e o diário deixou de ser simples depoimentos e confissões e passou a ser um dos livros mais vendido do país.

Esse episódio que enfatiza a maneira como aconteceu a produção desse livro ímpar só contribui para acentuar a singularidade de Carolina Maria de Jesus que de favelada passa a condição de escritora famosa e em um curto período de tempo voltou a condição primeira. Essa escritora favelada conquistou por meio da escrita uma vida de celebridade, conhecendo muitos lugares, dando entrevistas contínuas a imprensa, mas posteriormente é esquecida e retorna ao mundo de miséria que sempre viveu. Isso nos leva a concluir que o espaço literário não é democrático e não está acessível a todos que desejam e lutam para conquistar um lugar ali. Por trás do processo de edição, publicação e consagração de uma literatura e de seu respectivo autor se esconde um forte jogo de poder onde as ideologias dominantes se sobressaem e sinalizam seus desejos indicando quem fica e quem sai, que será um sucesso ou será logo esquecido e quem não conseguirá se quer ser conhecido pelo público leitor.

O jogo de poder que perpassa todo ato de produção edição e recepção de obras literárias é um das explicações mais concretas para entendermos o porquê de **Quarto de Despejo** mesmo com a repercussão que causou na sociedade tanto a nível nacional como internacional não assegurou a notoriedade de sua escritora na cena literária. Além do jogo de poder envolto na produção e recepção das obras literárias, faz-se pertinente considerar que Carolina Maria de Jesus não tinha uma formação sólida e realmente um talento literário para se firmar na literatura, fator que é relevante na sua não permanência nesse espaço.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Os Escravos**. Belo Horizonte: Editora Vega, 1977.

ANDRADE, Letícia Pereira de. **O Diário como Utopia**: Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em letras da UFMGS, 2008.

ANJOS, Bruna Gomes do: PASCHOAL, Cinthia Pereira. Sobrevivendo de Restos. In: **Baleia na Rede**: Revista online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura. Vol. 1, No 3, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é e como se faz. 43 ed. São Paulo: Layola, 1999.

BERND, Zilá. **O Que é Negritude**. São Paulo: Editora, Brasiliense, Coleção Primeiros passos, 1984.

_____. **Negritude e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

BUENO, Laura Machado Mello. **Projeto e Favela:** metodologia para projetos de urbanização. Tese de doutorado apresentada à FAUUSP. São Paulo, 2000.

CAIRO, Luiz Roberto Veloso. **Memória Cultural e Construção do Cânone Literário Brasileiro.** Texto apresentado no Rio de Janeiro, numa mesa-redonda do Colóquio Internacional Cultura Nacional, Teoria Internacional: a contextualização dos discursos sobre a literatura, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 9 a 11 de junho de 1999.

CALVINO, Ítalo. **Por que Ler os Clássicos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CLAVAl, Paul. **Espaço e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: editora UFMG, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. A Auto-Representação de Grupos Marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18 – 31, dezembro 2007.

_____. A Auto-Representação de Grupos Marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18 – 31, dezembro 2007.

_____. **Uma voz ao sol**: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, p. 33-87, julho/agosto, 2002.

DANTAS, Audálio. A Atualidade do Mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 6 ed., 1997.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance.** 2 ed. São Paulo: Ática, série Princípios, 1987.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações:** Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis**. Literatura, Política, Identidades**: Ensaio/ Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 35 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GONÇALVES Ana Beatriz Rodrigues; NASCIMENTO Denise Aparecida do. Favela, Espaço e Sujeito: uma relação conflituosa**.** In**: Revista Ipotesi**, v.15, n.2, p. 51-62, jul./dez. 2011

JESUS, Carolina Maria de. **Meu Estranho Diário**. Org. Robert Levine; José Carlos Sebe Bom Meihy. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

_____. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997

_____. _____. Edição integral: Círculo do Livro S.A, São Paulo, 1960.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. Relações de Poder e a Literatura Brasileira. In: **Revista Grifos** - n. 25 - dezembro /2008, p. 120

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**: de Rousseau à Internet. (Org.) Jovita Maria Gerheim. Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Elizabeth Gonzaga de. **Fragmentos do Eu:** a literatura íntima em Lima Barreto. Tese de doutorado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2005.

LIMA, Maria Nazaré; SOUZA, Florentina. **Literatura Afro-Brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LINS, Osmar. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco.** São Paulo, Ática, 1976.

MARTINS, Wilson. **Pontos de vista:** crítica literária. São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1993.

MACHADO, Ana Maria. **Conversas sobre leitura e política**. São Paulo: Ática, 1999 p. 59-60.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, São Paulo, n. 37, 1998.

NASCIMENTO, Érica Peçanha Do. **Literatura marginal:** os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

PASTERNAK, Suzana. **Espaço e População nas Favelas de São Paulo.** FAU-USP (Google Docs). Página visitada em 9 de janeiro de 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira. In: **Revista Estudos Avançados**, vol. 18, nº 50, São Paulo, 2004.

REIS, R. Cânon. In: JOBIM, José L. **Palavras de Crítica:** tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

Relações Raciais na Formação do Pensamento Social Brasileiro: Gilberto Freyre, Roger Bastide e Mário de Andrade. **Revista Espaço Acadêmico**. Especial centésima edição – Nº 100, setembro de 2009, P. 111-118.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; TENO, Bruna Del Chiaro Nieble. **Casamento e Família no Brasil**: breve panorama, en Contribuciones a las Ciencias Sociales, febrero 2011. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/11/. Acesso em 20 de Julho de 2012.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Carolina Maria de Jesus e os Discursos da Negritude**: literatura afro-brasileira, jornais negros e vozes marginalizadas. História & Perspectivas, Uberlândia, 2008.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. Carolina Maria de Jesus e a Escrita Rasurada da Literatura Brasileira. In: _____. **O Estudo da Escrita de si nos Diários de Carolina Maria de Jesus**: a célebre desconhecida da literatura brasileira. Dissertação de Mestrado. PUC, Porto Alegre, 2011.